

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO
[Handwritten signature]
REPRESENTANTE NO R. G. SUL



A T R A N S F O R M A Ç Ã O

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Eduardo Pavlovsky



Conheci em Madrid um poeta haitiano que me contou os horrores de sua pátria e da bárbara repressão de Duvalier. Mais tarde me chegou o livro intitulado "Papa Doc e os Tontons Macoutes", de Bernard Diederich e Al Burt (1), com um magnífico prólogo de Graham Greene. Tanto o poeta haitiano como o livro provocaram em mim uma tremenda impressão. Dessa funda impressão surge esta obra de teatro. É a minha resposta estética. Esta peça trata da repressão de Papa Doc no Haiti durante o lapso que media os anos 1958-1959.

(1) - Aymá Sociedad Anónima, Editora, Barcelona 16, Espanha (1969)

PERSONAGENS



JOÃO CARLOS OPEN (depois JORGE LAFORGUE)

DONA SARA (velha amiga de João Carlos, funcionária da Instituição)

ENFERMEIRA (Marta Melnier, funcionária da Instituição)

CALVET (prisioneiro da Instituição)

FILHINHA (mulher de João Carlos)

INSPECTOR (funcionário da Instituição)

ROSA (mulher de Laforgue)

MÁRIO (filho de Laforgue)

Cenário

Uma sala

Dois espaços



Esta peça sugere uma mudança de estilo. Começa com um estilo semi-realista e, à medida que a peça se desenvolve, as cenas devem chegar ao realismo exasperante.

A idéia será como a de multiplicar dramaticamente o horror. O óbvio do horror tem que ser levado até o limite extremo - possível - do dramático.

Em última instância, a realidade sempre é mais fantástica que todo o possível de imaginar.

Potenciar dramaticamente a interiorização da violência como óbvia, como cotidiana.

Se bem que a peça seja um texto já escrito e acabado, o diretor, os atores são os responsáveis pela multiplicação proposta pelo autor. E multiplicar é deformar a proposta inicial.

Encontrar os múltiplos sentidos ocultos do texto.

O que o autor não sabe os atores, diretores, devem descobrir durante os ensaios. As ações, ~~movimentos~~ movimentos, devem ser encontrados nas improvisações. Cada grupo deve descobrir seus próprios movimentos. Cada ideologia tem movimentos próprios.

Deve-se Re-inventar e Re-criar o escrito. Pluridimensioná-lo.

Essa é a proposta ESTÉTICA de METAMORFOSE.

CENA DE JOÃO CARLOS E DONA SARA

Dona Sara faz a faxina. João Carlos a observa da porta, surpreso.

JOÃO CARLOS - Não posso acreditar!

DONA SARA - (Se vira) O melhor de todos!

JOÃO CARLOS - Igualzinha! Não mudou nada!



DONA SARA - O doutor Barbot sempre fala em ti.

JOÃO CARLOS - Não sabia que a senhora continuava na casa.

DONA SARA - O doutor Barbot e Papa Doc me deram a Medalha do Mérito por trinta anos de serviço sem faltar um só dia.

JOÃO CARLOS - Tá sabendo alguma coisa dos outros garotos?

DONA SARA - A última vez que eu vi eles foi naquela noite.

JOÃO CARLOS - Aquela noite inesquecível.

DONA SARA - Aquela longa noite!

JOÃO CARLOS - Parece incrível lhe ver outra vez aqui, como naquela noite.

DONA SARA - Cada vez que o Barbot fala em ti eu conto como te conheci naquela noite junto com os garotos. E ele me pede que eu conte tudo... É muito interessado em ti.

JOÃO CARLOS - Quem?

DONA SARA - O Barbot.

JOÃO CARLOS - Lhe pede que lhe conte?

DONA SARA - Sempre que a gente fala em ti, pede que conte.

JOÃO CARLOS - O quê?

DONA SARA - Todos os detalhes. Quer saber todos os detalhes daquela noite. Me pergunta o que tu pensava naquela noite ... a noite que eu te conheci ... com os rapazes.

JOÃO CARLOS - Barbot parece interessado como sempre. Por todos os detalhes.

DONA SARA - Nunca deixa de falar em ti, diz que tu é um dos melhores. Diz que os melhores nunca se enganam e se erram ...

JOÃO CARLOS - E se erram ?...

DONA SARA - É pra sempre ...



JOÃO CARLOS - Gerações diferentes. Às vezes temos diferentes critérios.

DONA SARA - Por isso quer te conhecer ... pesquisar o passado ... sondar a história daquela noite.

JOÃO CARLOS - Talvez queira ter mais dados pessoais.

DONA SARA - Detalhes que eu talvez tenha esquecido.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

JOÃO CARLOS - Das nossas conversas ...

DONA SARA - Quando a gente se viu pela primeira vez naquela noite.

JOÃO CARLOS - Aquela noite tão longa ... A gente se lembra dela como longa ... foi longa ...

DONA SARA - Falamos sem parar ... a gente fazia especulações ...

JOÃO CARLOS - Sobre os próximos acontecimentos ... as coisas que iam acontecer.

DONA SARA - A nossa maneira de pensar sobre as coisas que iam ocorrendo ... que iam acontecendo ...

JOÃO CARLOS - Com os velhos garotos, os melhores da época (PAUSA) O Barbot lhe perguntou sobre os meus trabalhos anteriores?

DONA SARA - Por todos ... Sempre tem uma grande curiosidade sobre o que houve ... naquele dia ...

JOÃO CARLOS - Tá curioso, simplesmente isso. Tá curioso.

5
DONA SARA - Ele fica surpreso porque eu sei de todos os detalhes.

JOÃO CARLOS - Eu vi o Barbot só uma vez.

DONA SARA - Diante do Papa. Trocaram poucas palavras, segundo ele.

JOÃO CARLOS - As necessárias ...

DONA SARA - Talvez ele ache estranha a tua relação com o Papa.

JOÃO CARLOS - Ou a história das coisas que aconteceram antes.

DONA SARA - Ou simplesmente ...

JOÃO CARLOS - Ou simplesmente?

DONA SARA - Ou simplesmente ele se incomoda de saber que a gente já existia muito tempo antes dele.

JOÃO CARLOS - As coisas sempre são tão simples. (PAUSA)

DONA SARA - Te chamaram pra falar com o Barbot.

JOÃO CARLOS - Não sei se com ele exatamente.

DONA SARA - Talvez sobre projetos ou trabalhos futuros.

JOÃO CARLOS - Não sei mesmo.

DONA SARA - O Papa sabe que tu veio.

JOÃO CARLOS - Imagino que saiba da minha chegada.

DONA SARA - Nem todos sabem da tua chegada.

JOÃO CARLOS - Só ele e uns poucos.

DONA SARA - Talvez o doutor Barbot espalhe a notícia ... pra outros ...

JOÃO CARLOS - Não me deram nomes ... referências ...

DONA SARA - Não deram nomes ... referências ...



JOÃO CARLOS - Apenas a hora, o lugar ... o combinado.

DONA SARA - Já deram o crachá?

JOÃO CARLOS - Que crachá?

DONA SARA - O novo crachá ... já deram?

JOÃO CARLOS - Talvez por isso é que me chamaram.

DONA SARA - Pra quê? Não entendo.

JOÃO CARLOS - Pra me entregarem o crachá pessoalmente.

DONA SARA - É, talvez por isso o doutor Barbot tenha chamado.

JOÃO CARLOS - Não necessariamente.

DONA SARA - Como?

JOÃO CARLOS - Digo que não necessariamente.

DONA SARA - Claro. (SOA UMA CAMPAINHA) Até logo. (SAI. OLHA, DA PORTA, PARA
JOÃO CARLOS)

JOÃO CARLOS - (SORRINDO) Adeus. Até logo.



CENA DE JOÃO CARLOS FALANDO AO TELEFONE



JOÃO CARLOS - Há algum dos guris aí? Ah, tá bem, me passa ele. (PAUSA) Porra, a que hora vai ao colégio? (OLHA O RELÓGIO) São nove e quinze e ainda tás aí, menino. Como vai chegar? O quê? De táxi? Ah, sim, claro, somos milionários. As coisas tão pela hora da morte e o bebezinho aí vai de táxi. Não te faz de apressadinho agora! Se não sou eu a te chamar fica aí atirado, dormindo... (MUDA DE EXPRESSÃO) ... Oi, meu amor. O vagal aí não vai ao colégio e ainda por cima quer ficar de papo pro ar! Se eu não chamo, se atira nas cordas. (PAUSA) Pouco me importa se ele anda angustiado. No meu tempo, a gente não se angustiava tanto! Esse aí faz chantagem emocional com a angústia dele. Vive nos explorando. (PAUSA) Tá lembrando que a Inês precisa ir hoje a Porto Príncipe pra arrumar os papéis, né? ... (PAUSA) Hoje de noite ou amanhã ... não sei ... A verdade é que eu ainda não sei nada ... Acho que é rotina ... Depois eu digo ... Mais tarde ... Eu conto mais tarde ... Nêga, olha, eu te falo mais tarde. Claro que sim. Falo sim, prometo ... Até logo ... (CORTA)

CENA COM A ENFERMEIRA

ENFERMEIRA (ENTRANDO) - João Carlos Open?

JOÃO CARLOS - Sou eu mesmo. (PARECE ASSUSTADO, MAS SE NOTA QUE ESTÁ SURPRESO COM A BELEZA DA MOÇA. É UM TÍPICO SEIUTOR)

ENFERMEIRA - Posso entrar?

JOÃO CARLOS - Por favor, entre ... (ALCANÇA UMA CADEIRA. ELA SENTA E DEIXA SOBRE A MESA VÁRIOS OBJETOS. PEGA UMA PASTA. ABRE.)

ENFERMEIRA - Sente, por favor. Fique à vontade. Vou fazer algumas perguntas.

JOÃO CARLOS - Perguntas? (DESORIENTADO) Mas aqui todos me conhecem muito bem. Que perguntas?

ENFERMEIRA - Rotina.

JOÃO CARLOS - (SENTA-SE DESCONSERTADO) Tudo bem.
(O TELEFONE TOCA. ELE SE LEVANTA. ATENDE.)

JOÃO CARLOS - Marta Melnier ... não, não, eu sou João Carlos Open.

ENFERMEIRA - Sou eu.

JOÃO CARLOS - (DEIXA O FONE) Como?

ENFERMEIRA - Eu sou Marta Melnier.

JOÃO CARLOS - Desculpe ... vou lhe passar a Dona Marta.
(ELA SE LEVANTA E ATENDE)

ENFERMEIRA - Melnier falando ... Sim ... (PAUSA) (ESCUTA)

(JOÃO CARLOS SE APROXIMA E OLHA ATENTAMENTE OS OBJETOS QUE ELA DEIXOU SOBRE A MESA. UM DELES É UMA ESPÉCIE DE CILINDRO QUE LHE CHAMA ATENÇÃO. ELA CONTINUA FALANDO AO TELEFONE. JOÃO CARLOS PEGA UM DOS OBJETOS E ABRE. É UM APARELHO DE TIRAR PRESSÃO ARTERIAL. SE SURPREENDE. PEGA O APARELHO E FICA OLHANDO)

ENFERMEIRA - (SEGUE FALANDO) Sim, senhor ... Entendi, senhor (CORTA.)



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(A ENFERMEIRA VOLTA A SENTAR)

JOÃO CARLOS - (SORRINDO) É pra tirar a pressão? A senhora é médica?

ENFERMEIRA - Não senhor.

JOÃO CARLOS - (SEM ENTENDER) Ah, claro ...

ENFERMEIRA - Qual é a sua altura?

JOÃO CARLOS - Altura?

ENFERMEIRA - Quanto mede?

JOÃO CARLOS - (FICA EM PÉ) Bom ... (PEGA A CABEÇA, COMO A SE MEDIR) Um e oitenta e cinco, um e oitenta e seis. Ponha um e oitenta e seis. Sou o mais alto da família. Papai é baixinho ... Dizem que meu avô era alto ... atavismo.

ENFERMEIRA - Quando ponho?

JOÃO CARLOS - Como?



ENFERMEIRA - Ponho um e oitenta e cinco ou um e oitenta e seis?

JOÃO CARLOS - Bom, bote um e oitenta e seis ...

ENFERMEIRA - Peso.

JOÃO CARLOS - (SEGURA A BARRIGA) Sou muito instável. Entre noventa e noventa e cinco. Subo e desço com a maior facilidade ...

ENFERMEIRA - Agora, quanto pesa?

JOÃO CARLOS - Digamos ... uns ... noventa e quatro quilos ... com tendência a noventa e três.

ENFERMEIRA - Ponho noventa e três e meio, certo?

JOÃO CARLOS - Certo.

ENFERMEIRA - Teve intervenções?

JOÃO CARLOS - (PICANDO SÉRIO) Que tipo de intervenções?

ENFERMEIRA - Cirúrgicas.

JOÃO CARLOS - Apendicite aguda (PAUSA) quando era pequeno.

ENFERMEIRA - Que idade?

JOÃO CARLOS - Quarenta e cinco anos.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ENFERMEIRA - Quantos anos tinha quando foi operado?

JOÃO CARLOS - Ah, tinha dez anos ... Todo mundo ficou apavorado porque estourou ... e quase que eu tenho peritonite. Antes havia mais operações de apendicite que agora ... curioso isso, né?

ENFERMEIRA - (OLHA FIRME PARA JOÃO CARLOS) (PAUSA) Mais alguma coisa?

JOÃO CARLOS - ~~██████████~~ (ANGUSTIADO) Bem ... uma pequena intervenção com anestesia local. Mas eu não acho que foi uma operação, uma cirurgia de verdade ... Foi uma bobagem, nada mais ... Duas horas depois eu já estava em casa.

ENFERMEIRA - Onde?



JOÃO CARLOS - No Hospital das Clínicas.

ENFERMEIRA - Estou perguntando onde lhe fizeram a pequena intervenção.

JOÃO CARLOS - (AINDA MAIS ANGUSTIADO) Uma simples hemorróida. Bem pequeninha. Nem se nota.

ENFERMEIRA - Que outras doenças importantes teve?

JOÃO CARLOS - Uma cólica renal (RINDO) na noite de núpcias.

ENFERMEIRA - Teve uma cólica renal na noite de núpcias?

JOÃO CARLOS - Filhinha achou que era um enfarte. Teve que chamar o pai dela,

19
JOÃO CARLOS - ... que era médico.

ENFERMEIRA - Alguma outra?

JOÃO CARLOS - Não, nenhuma outra.

ENFERMEIRA - Já tirou a pressão alguma vez?

JOÃO CARLOS - Acho que sim.

ENFERMEIRA - Com licença. (PÕE O APARELHO E TIRA A PRESSÃO)

JOÃO CARLOS - (INQUIETO) Quanto tenho?

ENFERMEIRA - (RINDO) Quinze por dez. É o normal pra sua idade.

JOÃO CARLOS - Pra minha idade?

ENFERMEIRA - Quarenta e cinco anos.

JOÃO CARLOS - (FICA EM PÉ E FAZ UM POUCO DE GINÁSTICA) Nunca me senti melhor fisicamente em toda a minha vida.

ENFERMEIRA - Tem depressões, períodos de tristeza, medo de lugares fechados?

JOÃO CARLOS - Tive um período de muita angústia, aos vinte anos. (PAUSA)
Mas isso já foi constatado aqui.

ENFERMEIRA - E agora? Ainda tem?

JOÃO CARLOS - Não. Não sou um cara alegre mas não tenho as tristezas de outras épocas. Os que me conhecem sempre me vêem alegre. Mas no fundo, no fundo, sou um sujeito ~~bastante~~ triste.

ENFERMEIRA - Em que sentido?

JOÃO CARLOS - Às vezes me pergunto qual é o sentido de tudo ... Não encontro um sentido verdadeiro para as coisas ...

ENFERMEIRA - Não encontra sentido para as coisas que já fez na vida?



JOÃO CARLOS - Olhe, enfermeira, não me arrependo de nada que fiz na vida. Disso eu tenho certeza absoluta. (PAUSA) Ih, já tô falando demais ... e nem lhe conheço direito.

ENFERMEIRA - Eu só lhe perguntei se tinha depressão e se tinha medo de lugares fechados.

JOÃO CARLOS - Todas essas perguntas são necessárias? Pra que servem?

ENFERMEIRA - O senhor não sabe?

JOÃO CARLOS - Não, não sei.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ENFERMEIRA - É alérgico a algum tipo de medicamento? ... Aspirinas, antibióticos que tenham provocado alguma reação?

JOÃO CARLOS - (INCOMODADO) Não sou alérgico a nenhum remédio.

ENFERMEIRA - Hemorragia de algum tipo?

JOÃO CARLOS - Que tipo de hemorragia?

ENFERMEIRA - Hematemese, melena, epistaxe.



JOÃO CARLOS - (COM RAIVA) (PAUSA) Como é esse negócio?

ENFERMEIRA - Epistaxe é hemorragia nasal. Hematemese e melena são hemorragias digestivas.

JOÃO CARLOS - (PUXA O CABELO) Melena? Se escreve assim mesmo: melena?

ENFERMEIRA - É uma hemorragia por via digestiva baixo-anal.

JOÃO CARLOS - Até o momento, virgem de hemorragias anais.

ENFERMEIRA - (SE LEVANTA) Bom, agradeço a atenção que me dispensou. Desculpe ter incomodado. (SE APROXIMA DA PORTA) (JOÃO CARLOS A ACOMPANHA ATÉ A PORTA (SE OLHAM)

JOÃO CARLOS - Não vou voltar a lhe ver?

111

ENFERMEIRA - Não depende de mim, Seu João Carlos. (VAI EMBORA)
(ELE A OLHA IR-SE PELO CORREDOR)

CENA DE CALVET E JOÃO CARLOS

A PORTA SE ABRE LENTAMENTE E ENTRA CALVET. É UM PERSONAGEM VESTIDO DE FORMA ESPARRAPADA, COM BANDAGENS E ATADURAS EM ALGUMAS PARTES DO CORPO E NOS PÉS, 35 ANOS, ÓCULOS ESCUROS, COM UMA MISTURA DE ALTIVEZ E ORGULHO. JOÃO CARLOS OLHA PARA ELE, DESCONSERTADO.

JOÃO CARLOS - Tá me procurando?

CALVET - Me mandaram aqui.

JOÃO CARLOS - Pra quê?

CALVET - Pra te ver.

JOÃO CARLOS - Não te conheço.

CALVET - Talvez sim ...

JOÃO CARLOS - Que que houve?

CALVET - Tô machucado.

JOÃO CARLOS - Que que aconteceu?

CALVET - Cai de muito alto.



JOÃO CARLOS - De muito alto?

CALVET - Lá de cima.

JOÃO CARLOS - (PEGA O TELEFONE) Não tenho saco pra joguinho de adivinhação ...

CALVET - Não vão responder.

JOÃO CARLOS - Qual é?

CALVET - É o costume deles. Não ~~outra~~ respondem quando chamam ...

JOÃO CARLOS - (LARGA O FONE, OLHA ATENTAMENTE) Não te conheço.

CALVET - Não se lembra, é diferente.

JOÃO CARLOS - (OLHA OS PÉS DE CALVET) Tá com os pés inchados.

CALVET - Não tem importância, já me acostumei, não dói.

JOÃO CARLOS - Vai ficar parado aí o tempo todo?

CALVET - Não posso sentar.

JOÃO CARLOS - Essa não. Não acredito.

CALVET - Pra mim, tanto faz.

JOÃO CARLOS - Então, a gente vai ter que falar em pé.

CALVET - Pode sentar, se quiser. Não me incomoda.

JOÃO CARLOS - E vai ficar aí parado, que nem dois de pau?

CALVET - Já disse que não posso sentar. Tenho coluna dura.

JOÃO CARLOS - (OLHA E COMEÇA A RIR) E quando vai ao banheiro? Não senta?

CALVET - Fico em pé. E abro as pernas. (ABRE AS PERNAS)

JOÃO CARLOS - (IRÔNICO) Deve ser sacal.



110
CALVET - Não, ao contrário. Dá tesaõ. É como um parto em pé. Abro as pernas, faço força e penso que tô parindo. Com o tempo, a gente vai aprendendo a ter prazer nas coisas cotidianas. Posso ter gêmeos, trigêmeos, quadrigêmeos, conforme o dia.

(JOÃO CARLOS SORRI SEM JEITO)

CALVET - Quando me coço, então, me sinto muito melhor. Fico com eczemas por causa das ataduras. E as pernas ficam cheias de feridas. Me dão coceira. Como não posso me dobrar, me coço. (ABRE UM SACO E TIRA UMA VARA FINA). Com esta varinha posso coçar até o tornozelo. Tenho prática. A gente vai adquirindo pequenas práticas, pequenas liberdades ...

JOÃO CARLOS - (OBSERVANDO A PERNA QUE SANGRA) Mas tá muito machucado! Cuidado, aí tem uma ferida ... tá sangrando!

CALVET - (CONTINUANDO A SE COÇAR VIOLENTAMENTE) Eu não enxergo.

JOÃO CARLOS - Mas deve doer muito.

CALVET - Acabaram.

JOÃO CARLOS - O quê?

CALVET - As dores. No início, eu sofria muito. Me doía todo corpo ... Agora é bem mais simples ... Sinto umas agulhadinhas ... Então me coço e depois sinto prazer ... Não tenho mais registros ... Tudo é mais simples ... Tudo agora é mais simples ... Mais resumido ... Antes eu sentia dorens, medo, angústia, tristezas infinitas, chorava o tempo todo ... achava estranho ... (RI).

JOÃO CARLOS - Quem?

CALVET - Quem o quê?

JOÃO CARLOS - Quem achava estranho?

CALVET - Não me lembro, não me lembro de mais nada ... Só pequenas nebulosas. Às vezes, pequenos sonhos com gente que não conheço ... Me falam no sonho, choram, me fazem perguntas ...

JOÃO CARLOS - (INTRIGADO) Que tipo de perguntas?



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CALVET - Ah, me perguntam se estou bem, se me tratam bem, se ainda vou voltar ... Mas eu não sei quem são ... No fundo, me enchem o saco ... Não conheço eles ... Nunca vi eles na minha vida ... (PAUSA) Talvez numa outra época ... sei lá ... Já não me importo ... Quer saber a verdade, cara? Tô cagando e andando pra eles ... (COMEÇA A SE COÇAR E COZA GRITANDO)

JOÃO CARLOS - Vai ter uma hemorragia, se continuar coçando assim. Tá maluco, cara?

CALVET - Uma hemorragia? (CONTINUA COÇANDO)

JOÃO CARLOS - Tá saindo sangue ... Por favor, pode deixar que eu limpo a ferida ... Não pode ficar assim ... (TEM UM LENÇO NA MÃO)

CALVET - É melhor que não faça isso.

JOÃO CARLOS - Isso o quê?

CALVET - Prefiro que não me toque ... São pequenas liberdades. (JOÃO CARLOS PÁRA)
A gente se acostuma a ter esses pequenos direitos (PÁRA DE SE COÇAR) ... Eles me deixam com estas pequenas conquistas ... Eu não quero que me toquem e eles me respeitam ...

JOÃO CARLOS - Quem são eles?

CALVET - Eles são eles ... Não tenho outra forma melhor pra chamar eles ... São os outros ... Eles ... Aqui tudo é mais simples ... Tudo se divide em dois ... os bons e os maus, os duros e os brandos. Agora eles não me tocam mais ... Ganhei de presente a autorização pra me coçar ... Gente boa, cara ... Pedi que botassem um prego na ponta da vara pra me coçar melhor e eles botaram. Com o prego, eu treino a pontaria ... é como um jogo ... tiro ao alvo ... Quando eu me coço, finco o prego. Se acerto, a coceira passa logo. Se não acerto, a coceira continua. Assim vai, várias vezes, até que eu acerte em cheio ... Tudo é questão de prática ...

JOÃO CARLOS - E não te dói?

CALVET - Já disse que a época das dores acabou há muito tempo. Tás muito interessado em saber se as coisas me doem ou não. (PEGA A VARA COM PREGO) Quando acerto de cara, às vezes parece que tô gozando, como uma acabada, mas isso é raro, pequenos prazeres sexuais ... duas ou três vezes por ano ...



CALVET - Mas isso me basta ... É um pequeno esporte (RI). Agora tudo é mais simples, me sinto feliz. As coisas são bem mais simples. Eu sou o meu corpo e nada mais. Hoje, se me dá coceira me coço e quando me coço, gozo. Não posso me queixar. A comida é razoável, não tenho queixa, no fundo são gente boa.

JOÃO CARLOS - Onde dorme?

CALVET - Durmo pouco.

JOÃO CARLOS - E como faz?

CALVET - Durmo em pé ... Se me deito, não posso me levantar sozinho e às vezes eles demoram muito pra aparecer. Eles são assim ...

JOÃO CARLOS - E não há perigo de cair?

CALVET - Me atam numa coluna pra que eu não caia quando durmo. Se me acordo e não aparecem, posso me desatar sozinho. Tiro a corda e começo o dia ... No fundo, são gente boa. Conhecendo eles a fundo, são gente muito fina. É preciso saber entender eles ...

JOÃO CARLOS - Esta situação é absurda, porra! E eu ainda fico a te ouvir ... Ainda nem sei o que tá fazendo aqui.

CALVET - Devagar, que tudo vai se esclarecer. Prometo.

JOÃO CARLOS - Quanto tempo faz que está aqui?

CALVET - Acho que desde o tempo do acidente ... Dizem que uns três ou quatro anos, é o que dizem ... Mas isso não me preocupa ... O tempo não conta ... Eu só conheço o tempo do meu corpo. Se me dói a barriga, solto o cinto, ~~me~~ fico parado, abro as pernas ... e cago ... Se a bexiga tá cheia, boto o pau pra fora. E se me dá coceira, me coço e tchau! O resto não conta ... pouco importa ... Tudo é mais simples ... Vivo o dia, gente boa, no fundo são gente boa. Até bem pouco tempo, se preocuparam com os olhos (TIRA OS ÓCULOS E TEM DOIS VOLUMES SOBRE OS OLHOS).

JOÃO CARLOS - (SE AGITANDO) O que aconteceu?

CALVET - (MOSTRANDO OS OLHOS QUE APARECEM ENTUMESCIDOS) No início diziam que estavam infeccionados, por causa das moscas e da sujeira ...



CALVET - Às vezes, levam três dias pra tirar o lixo daqui ... Um problema de conjuntivite ... Ficavam cheios de pus ... Era a época das dores ... Inchavam e doíam muito ... eu gritava... Me abriam os olhos com uma tesoura e a dor passava. Pareciam preocupados, queriam chamar um oculista, mas também não queriam que o médico me visse assim todo fodido ... No final, eu já não me queixava ... Se formaram duas crostas e parou de doer, não me incomodaram mais. Às vezes me dá coceira e então me coço (RI) ... Agora tudo é mais simples que antes.

JOÃO CARLOS - Enxerga alguma coisa?

CALVET - Ver? Pra que quero ver ... Pelas coisas que acontecem, são poucas ... E ver, eu já vi demais, pode ser perigoso. A gente registra e não esquece mais ... Assim, não vejo nada. Mas eles me contam, eles têm muita consideração comigo, são gente boa. Me deram estes óculos de aniversário (PÔE OS ÓCULOS). Quando pedi que não me incomodassem mais, eles me deixaram quieto, não me encheram mais, me respeitam. Sabem que quando grito é porque me dói. Nunca faço ninguém perder tempo. Eu não sou como esses bunda-mole que gritam por qualquer bobagem. Eles sabem quem sou eu. Acho que me admiram, no fundo me admiram. Eles são a única coisa que eu tenho, como uma família que a gente vai se acostumando a gostar com o tempo. É preciso entender isso.

JOÃO CARLOS - (PROCURA O TELEFONE, LEVANTA O FONE, NINGUÉM RESPONDE) Pra que te mandaram aqui, cara?

CALVET - Pra falar contigo.

JOÃO CARLOS - Que eu tenho pra falar?

CALVET - Do meu acidente.

JOÃO CARLOS - Que acidente?

CALVET - O do avião (SORRI).

JOÃO CARLOS - Que avião?

CALVET - Não te faz de bobo, porque assim começamos mal ...

JOÃO CARLOS - Não tô entendendo nada. Qual é a tua, cara?



CALVET - Eu sou um deles. Eu tava lá em cima, no aviãozinho. Me lembro de tudo como se fosse um filme. Não me esqueço de nada daquele dia.

JOÃO CARLOS - (IMPACIENTE) Não me fode a paciência, cara (AGARRA CALVET)
fala rápido senão te amasso. Tás querendo o quê?

CALVET - Pode agarrar, me faz um favor, pode agarrar. Não me dói ...

JOÃO CARLOS - (AGARRA O PESCOÇO DE CALVET) Quer o que de mim? Por que te mandaram aqui?

CALVET - Querem que tu fique sabendo ... tudo o que eu sei.

JOÃO CARLOS - Tás sabendo o quê?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CALVET - Sobre o aviãozinho (FAZ GESTOS COM AS MÃOS, BRINCANDO DE AVIÃO) (DEPOIS SE COÇA VIOLENTAMENTE)

JOÃO CARLOS - (EMPURRANDO CALVET) Vou te rebentá todo, bichona!

CALVET - Mais alto, que eu não ouço! (SE COÇA, POSSESSO) (JOÃO CARLOS BATE EM CALVET, QUE CONTINUA SE COÇANDO E RINDO)

JOÃO CARLOS - Até agora eu te aturei, mas me diz numa vez qual é a tua, porra!

CALVET - Um dos que estavam no aviãozinho ...

JOÃO CARLOS - (AGARRA CALVET) Como? (SOLTA BRUSCAMENTE)

CALVET - Não gosto que me toquem.

JOÃO CARLOS - Mas que merda. Qual é tua, cara? (SEGURA CALVET, IMPACIENTE)

CALVET - Um dos que estavam no teu avião, no dia três de julho de 1958, era eu.
Eu era um dos quatro a bordo.

(JOÃO CARLOS TENTA SAIR PELA PORTA, MAS ESTÁ CHAVEADA. PROCURA O TELEFONE)

JOÃO CARLOS - Por favor, moça, aqui quem fala é João Carlos Open. Me dê com o ramal do Doutor Bicard. Preciso falar urgente com ele. Bom ... tá bem ... fico esperando a chamada (SENTA-SE) (CALVET CONTINUA EM PÉ, TRANQUILO, SE COÇANDO)



CALVET - Calma, rapaz. Se ficar nervoso, vai ser pior. Eles querem que eu fale e vão conseguir isso ... Calminha ... Eles não querem outra coisa ... É só isso ... Não são gente ruim ... São terrivelmente organizados ... Cumprem ordens e fazem as coisas da melhor forma possível ... Acreditam que assim é melhor pra todos ... Acreditam mesmo ... Melhor pra ti, pra mim e pra eles ... É como já aconteceu uma vez contigo ... Eu entendo bem vocês, tu e eles ... Mas fica tranqüilo, camaradinha ... Sentadinho aí ... Eu tenho que fazer a minha parte ... Vou contar o que eu sei ... Eles querem que eu conte o que eu sei ... Presta bem atenção que depois, tchau, me vou ... Eu obedeço, tu também e eles ficam satisfeitos ... São gente muito boa, afinal de contas ... Eles só querem obedecer ... Essa é a única obsessão ... Obedecer Papa Doc ... Custei muito a entender isso daí ... A gente não vai conseguir nada, se ficar nervoso. Absolutamente nada.

JOÃO CARLOS - (TRANQUILIZADO) Fala, então ... por favor. Mas sem fazer tantas voltas.

CALVET - (IMPROVISA UM JEITO DE SENTAR) Tudo começou pra mim dentro do aviãozinho que tu pilotava (JOÃO CARLOS, DURANTE O RELATO, OLHA ATENTAMENTE PARA CALVET. ESTÁ SENTADO AO CONTRÁRIO, APOIANDO OS BRAÇOS NO ENCOSTO DA CADEIRA). Eu era um dos rapazes. Nesse dia tinha havido muito movimento ... Subiam, desciam ... Carregaram muita gente nesse dia ... Contando comigo, éramos quatro. E tu viajava com médico ... Do filho da puta esse nem me lembro mais ... Era ele que dava as injeções ... Tu ali, ao lado ... Ele fazia a gente dormir ... Tu abria a porta ... E cargas ao mar ... Tu chamava o tal médico de Cocó ... E dizia "Cocó, já aplicou a dose no francês?" O francês era um rapaz haitiano, jovem, Merard era o sobrenome dele, acho que era haitiano mesmo, mas tu chamava ele de francês ... Parecia francês mesmo ... Eu era o que tava mais perto de ti ... Olhava pra tua cara o tempo todo ... Não me esqueço dela nunca mais ... Eu até invejei os teus gestos ... Eram gestos de guerra ... Havia uma grande economia em cada um dos movimentos ... Um verdadeiro Tonton Macoute - pensei. Um homem moderno. De cara limpa, descoberta. Não se importa que a gente reconheça ele ... (RI) Mas, pra quê, se era uma viagem sem volta ... Saíamos de Porto Príncipe com seis passageiros e voltariam só dois ... Parece que nesse dia já haviam transportado uns cinquenta ... Tu já tava cansado, cara ... Parecia esgotado de ter que pilotar o



CALVET - ... aviãozinho e abrir a portinhola pra nos jogar... Sim, porque o tal doutor Cocó, como tu chamava ele - era como um bom profissional: só se encarregava da anestesia e de nos empurrar ... Realmente, um trabalho muito pesado, eu pensei. Fazia eu me lembrar desses ônibus abarrotados de gente, que vão de Porto Príncipe a Atenas, e o pobre do motorista tem que cobrar as passagens, dar o troco, abrir a porta e ainda por cima dirigir ... (PROCURA UM CIGARRO EM SUA ROUPA E O ACENDE)

JOÃO CARLOS - Continua ... pelo amor de Deus ... continua ...

CALVET - Tu tinha que pilotar e, além disso, abrir a porta para que o doutor empurrasse a gente ... Eu me fiz de chapado o tempo todo ... A dose fez pouco efeito ... então eu dei uma de chapado e só olhava ... Tua cara e a do tal Cocó ... Não posso me esquecer das fuças de vocês dois ... Em cinco minutos, jogaram os três rapazes. Eles estavam completamente bodeados. Me pareceu que o francês sorriu pra mim, antes do empurrão ... Tinha uns vinte anos, não mais que isso ... Os outros dois pareciam esses tantos negros que se metem em confusão e nem sabem por quê ... Barbot disse que, na dúvida, é melhor se livrar de todos ... É por isso que Papa Doc nomeou Barbot chefe dos Tontons ... Não duvida nunca ... Isso eu aprendi depois ... Me ensinaram isso aqui ... (SOLTA UMA LONGA BAFORADA E OLHA JOÃO CARLOS) Te interessa ou tô enchendo teu saco? Se tô torrando, fala francamente, pois aí eu conto com mais ritmo - com ritmo haitiano ... Agora eu tô falando em ritmo europeu ...

JOÃO CARLOS - E daí?

CALVET - Daí que, de repente, a avioneta começou a falhar, quando faltava só eu ... Aí vocês começaram a descer ... Pareciam assustados ... Resolveram discutir, pra ver se me atiravam ou não ... E eu ali, me fazendo de dopado ... Até que, num determinado momento, caiu um documento do teu bolso ... Eu peguei o troço instintivamente e botei no bolso ... Me dei conta que a gente tava descendo ... Eu sabia que eu não queria voltar ... Então vi que a portinhola não estava totalmente fechada ... Dei um pontapé e me joguei ... cargas ao mar ...

JOÃO CARLOS - E essa história de mentiras tá me contando por quê? A troco de que tá me falando? ... Onde quer chegar?



CALVET - Eu não quero porra nenhuma ... Pra mim, tanto faz ... Eu tô falando porque eles querem que tu fique sabendo por mim tudo o que aconteceu ...

JOÃO CARLOS - Mas pra quê? Qual é o motivo ... Afinal, qual é a tua?

CALVET - Eu sou o quarto que nesse dia caiu do avião e um dos cinquenta que no famoso dia três de julho de 1958 foram atirados ao mar da avioneta que tu, o herói dos Tontons, pilotava ... Os outros quarenta e nove tão mortos ... Mas eu ... eu ... tô meio morto ... pertence a outra categoria ... tô e não tô ... Tá me entendendo? Barbot nos chama de fantasmas ... os mortos-vivos, os que nunca poderão ser visto, à luz do dia ... Parece que foi um barco pesqueiro que me recolheu ... Me pegaram meio morto ... Tava com os braços, as pernas e a coluna espatifados. Rebentei a cara e os pulmões ... Um desastre ... Mas me salvaram ... Devo a vida a esses pescadores filhos da puta e ao médico amigo do Barbot ... O cirurgião dos Tontons ... Ele é sensacional! Me fez uma recauchutagem total! (RI) Parece que no barco eu andei contando tudo que aconteceu no aviãozinho. Conteí tudo com luxo de detalhes ... Tudo que eu tinha visto ... A anestesia ... O pessoal que atiravam no mar ... E algum filho da puta descobriu o teu documento no meu bolso ... Aquela que eu tinha roubado antes de me jogar ... Veja só, que azar ... Aí a notícia se espalhou ... Algum dedo-duro contou tudo e agora todo mundo tá de dentro da história ... Até no estrangeiro ... Foi um rebu espetacular ... Saiu a tua foto nos jornais, com nome e sobrenome, a foto do documento ... Me mostraram um recorte: AVIADOR HAITIANO, o filho mimado de Barbot e Papa Doc treina um novo esporte aquático ... Jogar gente de um avião ... Mas que filhos da puta! Não sabiam que tu cumpria ordens ... Como eu, agora ... A turma fala sem sacar nada ...

JOÃO CARLOS - Quem te mandou aqui? Barbot? Ou Duvalier? Responde rápido.

CALVET - Eu não conheço ninguém pessoalmente. Eu recebo ordens e cumpro ... Só vi o Barbot uma vez na vida, antes da conjuntivite (TIRA OS ÓCULOS E PÕE DE NOVO)... Foi pra me bater ... Ele mesmo dirigiu a sessão. Imperturbável, um verdadeiro profissional.

JOÃO CARLOS - Onde foi publicada toda essa informação?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CALVET - Num jornal europeu ... Aqui se armou a maior confusão ... Houve mal-estar geral ... Por isso, queriam que, por gentileza minha,



CALVET - tu ficasse sabendo porque mandaram te chamar ... Não querem falar contigo até que fiques sabendo por mim ... Tudo o que eu sei ... é uma deferência toda especial ... por causa do teu prestígio.

JOÃO CARLOS - E tu, filho da puta, o que tu tava fazendo no avião! Porque gente inocente ~~em~~ nós nunca atiramos.

CALVET - (GRITANDO) Tem razão, cara! Com certeza, eu merecia o que me aconteceu e bem merecido ... Devo ter sido um garoto muito mau ... Mas não me lembro ... Não lembro nada da minha vida antes do acidente ... O golpe de duzentos metros na água foi foda ... Me deixou inconsciente ... Minha memória começa a funcionar a partir do acidente ... Não posso me lembrar quem sou eu ... Quer dizer, ^oque eu ~~era~~ fui antes ... Mas, pelo que dizem, muito inocente eu não era não ... Quem sabe, um bom filho da puta ... Talvez eu tenha merecido (RI) o castigo do aviãozinho ... Mas não me lembro ... Com o golpe, me esqueci de tudo ... Só começo a lembrar desde o dia aquele ... o dia em que eu vi a tua cara e a do Doutor Cocó (RI) ... Toda a minha vida começa ali ... com a queda e as caretas de vocês ... (COMEÇA A SE COÇAR)

JOÃO CARLOS - Como ~~está~~ vieste parar aqui?

CALVET - Não gosto que falem comigo quando eu me coço. (SE COÇANDO VIOLENTAMENTE)
Os pescadores me largaram na praia. Mas um deles ficou com o teu documento e vendeu a notícia prum jornalista estrangeiro. Filho da puta! Era um desses cornudos pagos pelo imperialismo internacional para que falem mal do Haiti, de Papa Doc e dos Tontons Macoutes. Algum dia, a gente vai acabar com todos eles, esses mercenários ... Mas que coisa, não é mesmo? Como tudo se interrelaciona, né? (RI)
No fim, tamos aqui, juntos, quem diria, como no aviãozinho. Lá, minha vida dependia de ti. E agora a tua vida depende de mi ... Que engraçado ... As voltas que a vida dá! Tenho a impressão que nós dois tamos completamente fodidos ... Eles dizem que tu cometeu um grave erro técnico ... Um descuido ... Também pudera, no cansaço que tu tava ... Eles não sabem como cansa abrir e fechar a portinhola de uma avioneta pra atirar gente ... Achan que é fácil ... Eu queria ver o Grande Barbot lá encima (PAUSA) ... Enfim, cá estou eu ... Aqui há três anos ... Sou uma relíquia ... Uma testemunha histórica ... Ninguém se anima a me matar ... No fundo, acho que até né admiram ... Mas, em todo caso, acho que já paguei os meus pecados ... No início, achavam que eu me fazia de bobo ... Mas, depois de rebentaram os poucos ossos sãos que eu tinha ... se convenceram que eu não ~~me~~ lembro mais nada de mim ...



23
CALVET - Se deram conta que minha vida começa contigo ... e com o Doutor Cocó ... Aquela famosa tarde do dia três de julho de 1958 ... AMNÉSIA RETRÓGRADA DE MORSKY ... foi o que disse o médico amigo do Barbot ... Pra mim é mais cômodo ... Ao não me lembrar de nada, não acho nada estranho nem sofro ... Basta que me deixem tranqüilo ... e me garantam o rango ...

JOÃO CARLOS - Pode ir. Te manda!

CALVET - Como, te manda?



JOÃO CARLOS - Não falou que depois de contar tudo ia embora? Não me disse que a ordem era pra me contar tudo e depois se arrancar. Agora, sai daqui, porra! Rápido!

CALVET - (GRITANDO) E me diz isso assim, na maior ... Me manda embora tão friamente ... Tu e eu estamos ligados até a hora da nossa morte! O caso do aviãozinho nos uniu para toda a vida ... A gente se tornou um casal unido pela desgraça! Vem cá me dar um abraço, cara! (JOÃO CARLOS CORRE)

JOÃO CARLOS - Não te fresqueia! Vai te embora, pô! E não me provoca!

CALVET - Eu não quero te provocar. Eu só quero ser teu amigo ... Quero te ver todos os dias da minha vida ... Vou pedir autorização ao Barbot para que me deixe te visitar ... Somos famosos, cara! A gente saiu nos jornais estrangeiros ... O líder da aeronáutica do Haiti, chefe dos Tontons Macoutes, o preferido do Papa Doc, que jogava os inimigos no Mar do Caribe ... Um herói ... Como é que eu vou te perder, assim sem mais nem menos ... Tu e eu, juntos pra sempre!

JOÃO CARLOS - Agora me deixa quieto. Por favor ...

CALVET - Não vai me dar um abraço. (SE DIRIGE PARA A PORTA)

JOÃO CARLOS - Vamos acabar com essa farsa numa vez. Me deixa só.

CALVET - (NA PORTA) Eu já não sou. Não existo. (GRANDIEOQUENTE) Perambulo. Sou um dos tantos. Somos muitos. Um exército sem tempo. Mas já não podem nos matar ... Tampouco podem nos mostrar ... Somos testemunhas de guerra ... Teríamos mau cheiro para as pessoas decentes ... Vivemos nas sombras ... Papa Doc prefere assim ... Somos uma nova categoria humana ... Nem vivos nem mortos ... Mas eu tô numa boa ... Não me

CALVET - queixo ... Me tratam bem ... Me protegem ... Me dão missões secretas ... Me dão prêmios se faço boas denúncias ... Me usam como espião com os novos ... Uma espécie de dedo-duro de boa conduta (RI) ... Eu acho que eu errei ... Com certeza, alguma vez eu errei ... Mas eu não sei o que eu errei ... Não me lembro de nada ... Sou uma relíquia haitiana, um pedaço da história da PÁTRIA. Um HAITIANO DURO, para que o mundo fique sabendo que nós, os HAITIANGOS, somos duros!! (DÁ GARGALHADAS) (ENTRA MÚSICA HAITIANA)

JOÃO CARLOS FICA NO CENTRO DO CENÁRIO



CENA DO TRATAMENTO

JOÃO CARLOS FICA SÓ. TENTA FALAR PELO TELEFONE. LARGA O FONE. ABRE A PORTA. FECHA. SENTA NA CAMA. UM SOM INTENSO INVADE O CENÁRIO. A PARTIR DESSE SOM, NÃO SE DEVEM OUVIR TODOS OS DIÁLOGOS QUE SE ~~SEGUEM~~ SEGUEM. ENTRAM DOIS HOMENS ACOMPANHADOS DA ENFERMEIRA MALNIER. COMEÇA UM DIÁLOGO AMIGÁVEL ENTRE JOÃO CARLOS, OS DOIS HOMENS E MALNIER. APRESENTAÇÃO DOS DOIS HOMENS A JOÃO CARLOS, FEITA POR MALNIER. JOÃO CARLOS PRESTA ATENÇÃO A UMA EXPLICAÇÃO DADA POR UM DOS HOMENS. SE PERCEBE UMA CERTA ATITUDE DE SURPRESA DE JOÃO CARLOS, QUE COMEÇA A FAZER PERGUNTAS COM ALGUMA ANSIEDADE. JOÃO CARLOS FAZ PERGUNTAS QUE SÃO RESPONDIDAS PELOS DOIS HOMENS. UM DOS HOMENS ABRE UMA CAIXA E MOSTRA UM FONE (AUDIOFONE), PONDO O FONE NA CABEÇA PARA MOSTRAR COMO FUNCIONA. JOÃO CARLOS PÕE O FONE. FAZ MAIS PERGUNTAS. MALNIER RESPONDE. JOÃO CARLOS TIRA O FONE. UM DOS HOMENS SE APROXIMA, ABRE UM ARMÁRIO E, AO ABRI-LO, SURGE UMA TELA PARA PROJEÇÃO DE FILMES. O OUTRO HOMEM LEVANTA A CAMA DE MANEIRA ESPECIAL, PARA QUE SE TRANSFORME NUMA POLETRONA DE DENTISTA. JOÃO CARLOS É SENTADO ALI POR UM DOS HOMENS. MALNIER TIRA DE UM DOS CAIXÕES UM PROJETOR. O QUARTO VAI SE TRANSFORMANDO NUM LUGAR DE EXPERIÊNCIAS, DE LABORATÓRIO. DE OUTRO CAIXÃO RETIRAM UM APARELHO, UM OSCILÔMETRO, QUE É COLOCADO SOBRE A MESINHA. HÁ UMA CAIXA COM INJEÇÕES, SERINGAS E AGULHAS. SENTADO, JOÃO CARLOS DEVE FICAR DE COSTAS PARA O PÚBLICO. JOÃO CARLOS ACEITA COLOCAR O FONE. MALNIER SE APROXIMA E APLICA UMA INJEÇÃO. CAI A CABEÇA DE JOÃO CARLOS, UM DOS HOMENS A SUJEITA. É LIGADO UM GRAVADOR. MALNIER INICIA A PROJEÇÃO. APARECEM IMAGENS NA TELA. UM DOS HOMENS FALA NUM MICROFONE QUE SUPOSTAMENTE ESTÁ LIGADO AO FONE. OS TRÊS PERSONAGENS (MALNIER E OS DOIS HOMENS) PARECEM TER MOVIMENTOS SINCRONIZADOS. SE VÊM IMAGENS DE JOÃO CARLOS COM A FAMÍLIA NA TELA. FOTOS COM AMIGOS. UM AVIÃO. VISTA DA ÁGUA. VÁRIAS VISTAS. PRISIONEIRO SUBINDO

27

AO AVIÃO. NOVA INJEÇÃO DE MALNIER. NA TELA, AS MESMAS IMAGENS SÓ QUE AGORA EM VELOCIDADE. JOÃO CARLOS FAZ MOVIMENTOS COMO SE TIVESSE CONVULSÕES. É SEGURADO PELOS OMBROS PELOS DOIS HOMENS.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90029-025

CENA DE JOÃO CARLOS E FILHINHA

(FILHINHA ENTRANDO CHEIA DE PACOTES)

JOÃO CARLOS - Tava esperando desde as nove. Por que demorou tanto?

FILHINHA - Tava fazendo o pastelão pra ti, com a receita da tua mãe. Tem todo o tipo de vitaminas (ABRE O PACOTE E TIRA PRATOS). Tem que aprender a comer com todo tipo de vitaminas. Tás arrotando demais. Não pode arrotar tanto. Mas agora, com as vitaminas, não vais arrotar mais.

JOÃO CARLOS - Já tô de saco cheio de tanta vitamina. Me enchem de injeção com vitamina e tu, ainda por cima, traz mais. Me tratam como um bebê ou como um brocha gagá. Afinal, pra que tanta vitamina?

FILHINHA - O problema não são as vitaminas.

JOÃO CARLOS - O quê?

FILHINHA - As vitaminas são para evitar os arrotos. O verdadeiro problema são os arrotos. Não querem mais que tu arrote. Incomoda, entendeu?

JOÃO CARLOS - E fazem um rebu danado só por causa dum arrote? E por que têm que me encher o corpo de vitaminas?

FILHINHA - Acontece que tu nunca te cuidou na alimentação. Isso é o que acontece. Tás muito fraco. (DÁ PASTELÃO). É por isso que arrota ... Eu sei que não é por mal. Mas tás arrotando muito e incomoda ...

JOÃO CARLOS - Não tenho vontade de comer pastelão às nove da manhã. Quero tomar leite!



FILHINHA - Não é questão de vontade! (TOCA UM BARBEIRO EM JOÃO CARLOS). Não tás fazendo a digestão direito. Se fizesse, não seria preciso arrotar. Tás com dispepsia fermentativa. O Barbot disse que tás regurgitando demais. Regurgita e engasga. Assim não dá, entende?

JOÃO CARLOS - Pois pode dizer ao doutor Barbot que eu arroto e regurgito quando eu quero e onde quero. (FILHINHA SERVE E ELE COME) (FALA COM A BOCA CHEIA) Eu sou um homem livre!

FILHINHA - O que tem a ver a liberdade com o estômago?

JOÃO CARLOS - Eu já tô de saco cheio! Quero ir embora! (COME)

FILHINHA - Não fala assim do doutor Barbot. A única coisa que ele quer é te curar da dispepsia, tás entendendo?

JOÃO CARLOS - Olha, não me agrada que um estranho se meta com o meu aparelho digestivo. É meu!!

FILHINHA - (GRITANDO) Então, não arrota mais! Os teus arrotos fazem muito barulho! Não é discreto. É uma vergonha!

JOÃO CARLOS - Quero ir pra casa!

FILHINHA - Vai quando deixar de arrotar. Entendeu?

JOÃO CARLOS - E o Papa Doc? O que diz ele?

FILHINHA - Diz que os teus arrotos incomodam e são barulhentos. Ele se irrita com ruídos. Teus arrotos têm eco!

JOÃO CARLOS - Eco?!

FILHINHA - Claro, arrota aqui (SE APROXIMA DAS PAREDES E TOCA NELAS) mas o barulho se propaga pelas paredes e o eco sai pelas ruas! Outro dia, na praça, todo mundo tava escutando teus arrotos! (DÁ MAIS TORTA) É preciso ter mais cuidado! Não pode ser tão grosseiro! Mas agora com as vitaminas vai melhorar. Não vais mais arrotar! Entendeu?

JOÃO CARLOS (COMOVIDO) - Os noços estavam dormindo!

FILHINHA (MUITO NERVOSA, QUASE DESESPERADA) - Não começa de novo! Não começa a



29
FILHINHA - arrotar outra vez! Se engulir rápido, não digere bem. Mastiga.
Mas-ti-ga bem. (EMPURRA A COMIDA NA BOCA).

JOÃO CARLOS - Eu não abria a comporta se eles não estivessem dormindo ... Era o médico que anestesiava eles ... Nenhum deles sofria ... Todos caíam dormindo ...

FILHINHA - MASTIGA. MASTIGA BEM. (ELE MASTIGA) Se não digere bem, vai ficar doente. Não arrota mais, pelo amor de Deus!

JOÃO CARLOS - Nenhum deles se dava conta. Tavam dormindo ...

FILHINHA - Come, porra! Se pelo menos botasse a mão na boca quando arrotasse, não se ouviria tanto! Mas arrota e todo mundo tem que ficar sabendo dos teus arrotos. Comem! Come! Não faz barulho. Todo mundo tá ouvindo. Come! Entendeu?

JOÃO CARLOS - Era melhor do que fuzilar! Caíam do avião bem dormidos! Ninguém sofria!

FILHINHA - Não tá mastigando direito! (AGARRA A BOCA E OBRIGA A MASTIGAR FORÇANDO O MOVIMENTO) Se mastigar certo, como diz Barbot, não vai arrotar mais! É melhor que morra, mas que pare de arrotar. Esta dispepsia fermentativa vai acabar matando a todos nós. Entendeu? A mim e às crianças também. Entendeu?

JOÃO CARLOS - Eram condenados em terra e nós jogávamos eles depois!

FILHINHA (DANDO CENOURA) - Come! Engole! Mastiga direito. (É PRECISO QUE SE VEJA BEM A CENOURA)

JOÃO CARLOS - Primeiro, o Barbot condenava. Depois, mandava que jogassem eles!

FILHINHA (LIMPA A BOCA DELE) Limpa a boca antes de falar do doutor Barbot! Tem diz que é só gentinha que frequenta os colégios públicos. No colégio francês, a gente era capaz de ser expulsa só por causa de um único arrote!

ENTRA DONA SARA E OLHA A CENA AINDA NA PORTA

DONA SARA - Ele sentia muita falta da senhora. Sempre perguntava pela senhora.

FILHINHA - Os arrotos, Dona Sara! Que vamos fazer com os arrotos? Um homem velho!



DONA SARA - Não se preocupe, Dona Filhinha! Seu marido comeu muito e não sabe digerir! Sempre foi um bom garfo, mas nunca mastigou direito ... Eu sempre dizia a ele ... Mas ele comia sempre apressado! Esse é um mal da nossa época!

FILHINHA - O doutor Barbot se irrita porque os arrotos são assim tão seguidos e barulhentos.

DONA SARA - Os arrotos são consequência da má digestão, Dona Filhinha! O doutor Barbot diz que se pode comer tudo o que se quer, mas é preciso saber comer, ainda mais quando se come animais ... O problema é não se engasgar. Seu marido se engasga, regurgita ... E isso é o pior ... É preciso ter uma boa dentadura e aprender a cortar (FAZ MÍMICA). Primeiro, cortar bem os alimentos. Segundo, triturar com a dentadura até fazer uma boa pasta e então se começa a engolir. Antes disso, NUNCA!! Só uma boa pasta a gente engole e digere. Não se deve, nunca, engolir antes de ter na boca uma boa pasta. Isso quem diz é o Papa Doc, e ele sabe fazer pasta ao mastigar.

FILHINHA - E ele tritura tudo?!

JOÃO CARLOS - A gente atirava eles de quinhentos metros de altura, todos dormindo!

FILHINHA - Pelo amor de Deus, o que eu faço? Não pára de arrotar (ENCHE A BOCA DE JOÃO CARLOS COM CENOURA).

DONA SARA - Deixa ele, Dona Filhinha. Arrotar também é uma maneira de digerir, quando não se faz direito a pasta. É como a homeopatia. Tem que deixar que o processo se desencadeie, que aconteça sozinho. Estes arrotos não são tão perigosos. Os perigosos são os que fazem eco. Estes são arrotos rápidos ... não fazem eco ...

FILHINHA - Não fazem eco?

DONA SARA - Como são rápidos, são menos barulhentos e quase não se ouve (BATE NAS COSTAS DE JOÃO CARLOS PARA QUE ARROTE).

JOÃO CARLOS - (FALANDO RÁPIDO) O Barbot podia realmente mandar uma pessoa no nome dele e depois tomar a liberdade de decidir se foi ELE quem deu a ordem, (AS DUAS O OLHAM COM CERTA PAZ) conforme o SUCESSO ou o FRACASSO da operação. Essa ■ é a maneira dele trabalhar. Se saiu tudo bem, te cumprimenta. Se saiu mal, lava as mãos.



DONA SARA (ORGULHOSA) - A senhora já viu, né, que os remédios caseiros são os melhores... Ninguém digere como quer, mas como pode, diz Papa Doc. Arrotar não é tão ruim assim. O único inconveniente dos arrotos é que são barulhentos e podem ser ouvidos lá fora.

FILHINHA - Mas até quando?! Também não se pode passar a vida inteira arrotando!

DONA SARA - (ABRE A BOCA DE JOÃO CARLOS) Agora, a dona Sara vai ~~me~~ afiar bem os dentes pra que possa fazer uma pasta direitinho ... (TIRA UM TORNO DO AVENTAL E PÕE O TORNO NOS DENTES DE JOÃO CARLOS) (DEVE-SE OUVIR O BARULHO DO TORNO MECÂNICO) Agora, com os dentinhos bem afiados vai fazer uma linda pasta ~~de~~ (VOLTA A AFIAR). Que dentes mais bonitinhos, bem afiados! Olha só que dentes bem afiados, Dona Filhinha (FILHINHA OLHA). A gente pode dar um jeito, com um pouquinho de torno. Agora vai poder triturar. Com estes dentes vai fazer uma pasta maravilhosa. E o doutor Barbot vai ficar muito satisfeito!

FILHINHA - Nossa! Até parece o Lobo Mau! (SE VÊ A DENTADURA COM DENTES AFIADÍSSIMOS)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

DONA SARA - Agora o nenezinho não vai arrotar mais! Não vai mais arrotar, não é mesmo? (JOÃO CARLOS FAZ QUE SIM COM A CABEÇA) Eu conheço ele há muitos anos (O ACARICIA). É muito mimoso. Sempre foi muito mimoso. Desde o primeiro dia que veio com os outros rapazes, eu tive que mimar ele. Meu bebezinho! (A IMAGEM É DE DONA SARA ACARICIANDO POR TRÁS JOÃO CARLOS COM DENTES TIPO LOBO) Meu mimozinho!

FILHINHA - (SE APROXIMANDO DE JOÃO CARLOS) Ela ~~me~~ sabe fazer as tuas vontades. Te conhece há anos, gosta de ti como um filho. Tens que ver o lado positivo da coisa ... O lugar é lindo Cheira a PÁTRIA ... Tens todas as comodidades ... E agora tás com os dentes afiados ... Vai fazer a pasta direitinho ... Tens que valorizar tudo que te oferecem e vais logo ficar bom ... Mas tem que se portar bem e não arrotar mais ... Vais poder voltar pra casa ... Vai sair tudo bem ... Entendeu? O doutor Barbot e o Papa Doc não querem que arrote mais... Entendeu? Não querem mais barulho ... (JOÃO CARLOS FAZ UM RUÍDO GUTURAL)

DONA SARA - Ele quer fazer suas necessidades. Deixo vocês à vontade ...

FILHINHA - (COMEÇA A TIRAR A ROUPA, QUE DÁ A DONA SARA) Teus arrotos fazem



FILHINHA - barulho (ELE A TOCA E ELA GEME) Agora tás com os dentes afiados (ELE CONTINUA TOCANDO POR TODO O CORPO DELA) Tem que tomar as vitaminas e comer o pastelão (ELA GEME CADA VEZ MAIS) Não seja tão cheio de vontades. (FICA NUA) Quantos gostariam de estar no teu lugar! (ELA SE EXCITA) Estou sempre a teu lado. Fico sempre perto de ti (DONA SARA OLHA DESDE A PORTA) (FILHINHA FALA EXCITADA) Meu corpo é todo teu ... Eu gosto que me acaricies ... Eu sempre gosto que me acaricies ... (AGORA OS DOIS GEMEM JUNTOS) Sou toda tua ... Venho todas as semanas!! É preciso que a gente tenha paciência. Não temos muito tempo pra ficar juntos. Mais adiante, a gente vai ter mais tempo. Vamos ter mais tempo pra ficar juntos. Agora temos pouco tempo. Falta pouco. Pouco. Pouco. Pou-co! Pou-co! Pou-co! (GRITANDO) Deu!! //

COR.

CORTADO

DONA SARA DEVOLVE A ROUPA E FILHINHA SE VESTE RÁPIDO E SAI.
 JOÃO CARLOS FICA SÓ, RELAXADO, NO CENÁRIO, COM OS DENTES AFIADOS.

CENA SIMULTÂNEA



ENQUANTO O INSPETOR E DONA FILHINHA FALAM, DURANTE A CENA DA MEDALHA, HÁ OUTRA CENA EM OUTRO CANTO ONDE SE VÊ A METAMORFOSE. IMAGINO ESTA CENA COMO NOS FILMES RÁPIDOS. VÁRIAS PESSOAS INTERVÊM, COMO SE ESTIVESSEM MAQUILANDO JOÃO CARLOS OPEN. APARELHO NOS OUVIDOS, DE ONDE ELE OUVI GRAVAÇÕES. VÃO TROCANDO A ROUPA DELE. APARECE UMA PERUCA LOIRA. ÓCULOS PEQUENOS. SIMULTANEAMENTE, ALGUÉM LHE DÁ INJEÇÕES. SERIAM INTERESSANTES VÁRIAS INJEÇÕES EM VÁRIAS PARTES DO CORPO. MAQUILAM O ROSTO DELE E VÃO LHE TIRANDO A ROUPA ATÉ FICAR DE SLIP. ALGUÉM PASSA ÓLEO NO CORPO DELE E LHE COLOCAM HALTERES NAS MÃOS. JOÃO CARLOS É CONVERTIDO EM LAFORGUE, UM CULTURALISTA DA ÉPOCA DE CHARLES ATLAS. UMA ESPÉCIE DE SESSÃO DE INSTITUTO DE BELEZA. HÁ ALGO DE APETADO NOS MOVIMENTOS DO CULTURALISTA.

CENA DA MEDALHA

INSPETOR - Seu marido é um herói. Lutou pelo nosso futuro, o futuro dos nossos filhos e talvez dos nossos netos.

FILHINHA - Que exagerado! Meu marido é um homem comum e, além disso, lhe aviso que não temos netos.

INSPETOR - Nunca se exagera quando se dá a vida pelos ~~meus~~ ideais.

FILHINHA - Ele gostava de fazer horas extras, isso é tudo. Nunca me falou de ideais. E eu não tenho certeza se atirar homens de um avião é algum heroísmo.

INSPETOR - Traidores.

FILHINHA - O quê?

INSPETOR - Não atirava homens mas traidores da pátria.

FILHINHA - Como o senhor quiser. Mas eu de herói não vejo nada. Que quer que eu diga, se de noite, quando tem pesadelos, se aninha ao meu lado e eu tenho que acalmar ele. É um bebê cheio de medos. Por isso é tão disciplinado, tão obediente.

INSPETOR - Disciplina. Esta é a palavra, a melhor palavra para definir o patriotismo. Disciplina é a palavra que melhor define o heroísmo. Disciplina que permite lutar contra os inimigos do Haiti.

FILHINHA - Contra os inimigos de Duvalier, quer dizer.

INSPETOR - Um inimigo de Papa Doc é um inimigo do Haiti.

FILHINHA - Isso diz o senhor ...

INSPETOR - (ABRINDO UMA PASTA) (FILHINHA ESTÁ ENTRE CANSADA E DE SACO CHEIO) Quanto ao seu esposo, os senhores Duvalier e Barbot querem testemunhar seu valor e querem que eu pessoalmente lhe entregue a medalha do heroísmo (A MEDALHA É GRANDE E O COLAR QUE A SUSTENTA É PESADO) (FILHINHA PEGA A MEDALHA SEM NENHUM INTERESSE)

FILHINHA - Levo pra casa ou boto no porcoço?



INSPECTOR - C6loque.

FILHINHA - (PÖE) (O COLAR VAI ATÉ A CINTURA) Diga a Duvalier que já não se usa assim tão pesada. Esta deve ser algum presente francês da Segunda Guerra. É pesadíssima!

INSPECTOR - O único inconveniente que tivemos com o seu marido foi que transpirou a informação sobre as operações. Nada mais que isso.

FILHINHA - Podiam ter sido mais discretos. Todo mundo fala da Operação Mar Aberto. Hoje de manhã estavam comentando isso até no supermercado. As crianças do Jardim de Infância, que semana passada estavam brincando na praia, encontraram o cadáver da professora do colégio. Um verdadeiro fiasco!

INSPECTOR - O vento soprou do oeste, Dona Filhinha, e trouxe os cadáveres para a praia. Nós não podemos controlar a natureza. Esta é uma guerra suja, cheia de cadáveres sujos.

FILHINHA - Mas um pouco de cuidado sempre vem bem. Um mínimo de discrição, pelo menos. Podiam ter colocado um peso ... para que não flutuassem ...

INSPECTOR - A gente teria pesos para os primeiros trezentos. Mas também não vamos gastar todo o metal do Haiti com esses filhos da puta.

FILHINHA .. E que pensam fazer com o meu marido?

INSPECTOR - É sobre isso justamente que eu queria lhe falar.

FILHINHA - Pode falar à vontade.



INSPECTOR - Não podemos permitir que ele fique solto, que o pessoal veja ele zanzando pelas ruas. Não fica bem ... Todo mundo está falando do assunto ... Pode haver incidentes ... Algum parente vingativo de alguma das vítimas.

FILHINHA - Dos traidores, tá querendo dizer.

INSPECTOR - Claro, dos traidores ... Contra ele não temos nada ... mas também não podemos ... A senhora compreende ... Está me entendendo ...

FILHINHA - Como não vou lhe entender ... por favor ... É horrível ... Lá na repartição me enchem a paciência todo dia ... Cada vez que passa

- FILHINHA - um avião todos se agacham, se esquivando dos cadáveres.
- INSPETOR - Isto. Ele não pode ser visto. Podem surgir situações difíceis. Imagine se agarram ele por aí e fazem ele falar ... E conta tudo ... Ele sabe demais ...
- FILHINHA - E olhe que eu cansei de falar pra ele que cuidasse, que não atirasse tão perto da costa ... Mas sempre foi um descansado ... Igual a minha sogra, sem tirar nem por!!
- INSPETOR - Alé: disso, no exterior ... Nem quero falar como devem estar felizes com essas notícias os países vizinhos ...
- FILHINHA - (ESPERANÇOSA) Que pretendem fazer, então? Vão liquidar com ele?
- INSPETOR - O doutor Barbot sugeriu um TRATAMENTO novo, que usaram no Vietnam.
- FILHINHA - Vitaminas! Vêm muito bem! Ele anda numa pior com a história dos tais arrotos.
- INSPETOR - Não senhora. A droga do esquecimento. Uma nova droga que, ao tomar, o sujeito esquece todo o passado. Absolutamente todo. Por isso é que chamam de droga do esquecimento.
- FILHINHA - Ai, é um nome tão romântico!
- INSPETOR - Já começamos o tratamento e o resultado é formidável.
- FILHINHA - Esqueceu tudo!!!
- INSPETOR - Tudo, absolutamente. Naturalmente, esqueceu tudo sobre as operações. Era isso que a gente queria. Mas também não se lembra de mais nada do seu passado. Também se esqueceu da senhora, dos seus filhos e de toda a família. De toda.
- FILHINHA - Ainda bem. Eu já tava torrando meu saco com o mau gênio dele. Quinze anos me torturando todos os dias com os seus ciúmes. Era um inferno!
- INSPETOR - (SENTENCIOSO) Bom, ELE já não é ELE.
- FILHINHA - Não tô entendendo.
- INSPETOR - O tratamento é combinado. Primeiro a droga do esquecimento e depois

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



INSPETOR - ... a verdadeira transformação ... a verdadeira metamorfose.

FILHINHA - (MUITO FELIZ) Conte, conte por favor!!

INSPETOR - Primeiro, criamos um vazio com a droga. Esquecimento total. E depois, através de computador, criamos uma nova personalidade ... uma nova identidade ... compreende?

FILHINHA - Mas é fantástico! Apaixonante!!

INSPETOR - Nós estamos maravilhados. Nós construímos uma nova vida pra ele por computador ... Preenchemos o vazio com um passado diferente e criamos pra ele um novo projeto de vida ... uma nova família ... um novo trabalho. Tudo novo.



FILHINHA - Deve ser caríssimo tudo isso!

INSPETOR - A verdade é que doze comprimidos custam uns quinhentos dólares. Mas, enfim, consideramos despesa de guerra.

FILHINHA - (ÁVIDA) E quem ele é agora?

INSPETOR - (ABRE A PASTA) JORGE LAFORGUE, professor de cultura física com destino a Filadélfia, casado com Rosa Laforgue e pai de Mariana e Mário Laforgue.

FILHINHA - (IRRITADA) E esses, quem são?

INSPETOR - Voluntários que se apresentaram para construir a nova família dele... Um verdadeiro trabalho de laboratório.

FILHINHA - (ENCIUMADA) E a atual mulher dele quem é? Posso saber?

INSPETOR - Fique tranquila, Dona Filhinha. É uma mulata muito da escrachada. Dobramos o salário dela na fábrica. Os garotos vieram da Guatemala. Um intercâmbio cultural entre os dois governos.

FILHINHA - E pra mim o que me arranjarão?

INSPETOR - (ABRE A PASTA) Para a senhora uma pensão vitalícia equivalente a um mil e quinhentos dólares, por seu silêncio e por sua concordância.

FILHINHA - Só o silêncio vai lhes custar mil e quinhentos e a concordância outros

FILHINHA - quinhentos mais.

INSPETOR - Arredondamos pra dois mil então.

FILHINHA - E a inflação, custo de vida, correção monetária?

INSPETOR - Tudo está perfeitamente estipulado. Haverá um reajuste trimestral.

FILHINHA - Tudo calculado em dólar ou em duvalier?

INSPETOR - O doutor Barbot sugeriu que fosse em dólares.

FILHINHA - E depois?

INSPETOR - Como depois?

FILHINHA - Depois que o doutor Barbot sumo do mapa a quem eu devo me dirigir?

INSPETOR - / min.

FILHINHA - E na sua impossibilidade?

INSPETOR - Na minha impossibilidade, ao Senhor Letoime.

FILHINHA - É preciso ser muito prevenida aqui no Haiti.

INSPETOR - Entendo perfeitamente a senhora. Estamos em guerra, Dona Filhinha.

FILHINHA - E mesmo que não estivessem ...

INSPETOR - Quer ver ele ... pela última vez?

FILHINHA - Se o senhor permite ...

INSPETOR - (TOCA A CAMPAINHA) Sem se aproximar. Ele não vai reconhecer a senhora.

APARECE JOÃO CARLOS NO OUTRO ESPAÇO CÊNICO. CABELO LOIRO, OXIGENADO, ÓCULOS PEQUENOS, TRANSFORMADO EM CULTURALISTA, CORPO OLDOSO, FAZENDO TORSÕES MUSCULARES, MANTENDO O AR EFEMINADO DOS CULTURALISTAS. OLHA NUM ESPELHO E FAZ TORSÕES. UMA VERSÃO MODERNA DE CHARLES ATLAS. TRAZ UMA MALA.

FILHINHA - Que tesão!



INSPETOR - Milagres da droga ... Fizemos alguns retoques nele ... Como a senhora está notando ...

FILHINHA - Os retoques fizeram muito bem pra ele ... mas muito bem mesmo ...

INSPETOR - Lhe agrada?

FILHINHA - Parece um francês. (SE AFROXIMA E FAZ SINAIS PARA JOÃO CARLOS)

INSPETOR - Só se vê deste lado. Ele não pode lhe ver.

FILHINHA - Tenho que dizer alguma coisa?



INSPETOR - Se a senhora quiser ... é a despedida ...

FILHINHA - (NERVOSA) É que é tão difícil ... Não é um caso comum, não conheço ele. Não posso me despedir porque não conheço ele.

INSPETOR - É uma reação típica dos familiares dos ~~mas~~ metamorfoseados. Não sabem o que vão fazer ...

FILHINHA - E se o senhor me emprestar ele um pouquinho?

INSPETOR - O quê?

FILHINHA - E se eu entrar aí e o senhor sair por uns quinze minutos. Seja bonzinho. É um gatão! Só um pouquinho ... Se eu soubesse que era assim, tinha dado um jeito nesse malandro.

INSPETOR - Impossível, Dona Filhinha. Tenho ordens do doutor Barbot de não interferir no tratamento. Tenha paciência. A ciência impõe certas frustrações ao gênero humano.

FILHINHA - (OLHANDO JOÃO CARLOS) Bom ... É preciso se conformar ... (SE TOCA ENTRE AS PERNAS) Não é a primeira vez que eu tenho que me satisfazer sozinha ... (VAI EMBORA).

FAZDO

CORTADO

CENA DO FRACASSO

LAFORGUE APARECE LOIRO, DE FEPUCA, ÓCULOS. ESTÁ DE COSTAS, LENDO. ESTUDANDO. UM JEITO EFEMINADO. SOA UMA CAMPAINHA. TODA A MANEIRA DE LAFORGUE FALAR ESTÁ ALTERADA, MAIS RÁPIDA.

LAFORGUE - Entre!

APARECE ^MROSA - UMA MULHER DE 40 ANOS - SUA MULHER ATUAL E SEU FILHO DE 20 ANOS, MÁRIO. MÁRIO SE ADIANTA. SE ABRAÇA. LAFORGUE PARECE UM TANTO CONFUSO.

MÁRIO - Feliz aniversário, coroa!

LAFORGUE - Aniversário? Hoje é o meu aniversário?

ROSA - Dezessete de novembro!

LAFORGUE - Tem razão.

MÁRIO - Passa o dia inteiro estudando que até se esquece da gente.

LAFORGUE - Adorei que vocês tenham vindo (ABRAÇA OS DOIS) Sinto tanta falta de vocês ...

ROSA - Quando vais voltar?

LAFORGUE - Amanhã é a última reunião.

ROSA - Tás mais magro.

LAFORGUE - É que me recomendam muita ginástica ... Preciso estar no ponto. Vamos chegar lá no verão. Há muito o que fazer, muita gente pra conhecer ... um estado atlético ideal ...

ROSA - Sempre exagerado, desde que te conheci.

LAFORGUE - Aqui eu tenho tudo. Os cassetes que preciso. É fabuloso. Me dão todas as informações que eu preciso. Alguma injeção pra me fortalecer.

MÁRIO - Quando vem pra casa?



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

LAFORGUE - Quarta-feira, se Deus quiser.

ROSA - Tua mãe telefonou.

MÁRIO - Queria te dar parabéns.

LAFORGUE - (RINDO) Nunca se esquece. Onde eu estiver ela sempre me encontra.

ROSA - Os Laforgue são uma família unida. Vieram te ver?

LAFORGUE - Duas vezes. Me falam do trabalho. Das condições. Casa, comida, carro, a vinte quilômetros da Filadélfia (RI). Pensão completa, já viu, né? Colégio pro Mário e pra Mariana. Um curso pra ti, se tu quiser.

(O RAFAZ PÕE MÚSICA)

LAFORGUE - É o maior centro culturalista do mundo ... Assim dizem eles ... E a Mariana ... por que não veio?

ROSA - Ficou na casa da Ivone.

LAFORGUE - (COMO SE ESTIVESSE DESLIGADO BRUSCAMENTE) Ivone?

ROSA - (PREOCUPADA) Ivone, a colega de aula, não te lembra? ...

LAFORGUE - (COMO SE RECITASSE) Ivone - filha de Jorge Blanchet (IENSA) Jorge Blanchet é casado com Mariana Bartes (RECITANDO) filha do, filho do ... embaixador da Holanda no Haiti ... Charles Bartes, que esteve na embaixada de Porto Príncipe entre 1940 e 1945. Jorge Blanchet, no ano passado, deu uma Mercedes Benz vermelha pro Papa Doc ... pra conseguir sua reeleição vitalícia ...

ROSA - (PREOCUPADA) Posso tomar alguma coisa?

LAFORGUE - (CONTINUA RECITANDO DE MEMÓRIA) Jorge Blanchet se interessou pelos meus estudos de Educação Física que fiz em Toronto e me ofereceu um emprego na companhia do pai dele na Filadélfia - para o treinamento físico dos funcionários. Tem cinquenta anos. A mulher Mariana quarenta e dois, não, quarenta e um. Ivone tem treze. Perderam uma menina no parto ... (TUDO ISTO COMO SE FOSSE LEMBRANDO UMA LIÇÃO) ... estrangulada pelo cordão umbilical ...

(MÁRIO SOBE O SOM DA VITROLA)



LAFORGUE - Além disso, Jorge Blanchet é biólogo. Se diplomou em Houston, no Setor Oeste. Foi jogador de basquete na Universidade. Atualmente, eles moram no bairro Miraflores de Porto Príncipe.

ROSA - Não é preciso ...

LAFORGUE - (CONTINUA RECITANDO) Ele veio para Porto Príncipe e conheceu Mariana na embaixada da Holanda. Era uma recepção para comemorar o aniversário da independência dos Países Baixos.

(MÁRIO SOBE O SOM E DANÇA) (ROSA VAI E DIZ ALGO A MÁRIO. OS DOIS COMEÇAM A DANÇAR)

ROSA - (PARA LAFORGUE) Vem dançar. Vamos festejar o teu aniversário.

LAFORGUE - Ivone, a filha dos dois, é companheira da nossa filha desde que ~~elas~~ elas tinham dois anos. Fez uma boa amizade com Mariana. Convidou várias vezes para ir à sua casa de campo. Nós fomos duas vezes e foi numa oportunidade dessas que Jorge Blanchet me ofereceu o emprego na Filadélfia (SUSPIRA).

ROSA - (DANÇANDO COM MÁRIO) É o presente do Mário! Pink Floyd!

MÁRIO - Feliz aniversário! Feliz aniversário! (DANÇA AO LADO DE LAFORGUE)

ROSA - Vamos dançar os três juntos. Os Laforgue estão de festa!

LAFORGUE - (COMEÇA A SE MOVER SEM DANÇAR) Na terça-feira faço o último exame. Se me deram a bolsa de estudos, vou pra casa. Se eu rodar, me mata. Mas se eu passar, na semana que vem vamos todos pra Filadélfia. No vôo oitocentos e um da Companhia ~~Aviação~~ Haitiana de Aviação.

ROSA - Vamos dançar os três juntos!

MÁRIO - Dança, pai. Dança!!

LAFORGUE - (SEGUE EM MOVIMENTO E COMEÇA A DANÇAR SEM JEITO, MEXENDO AS CADEIRAS COMO UMA MULHER. DEPOIS, ENTRA EM PROGRESSIVO MOVIMENTO DE FRENSA)

ROSA - Tá rebolando como as crioulas!!

MÁRIO - Pára, velho! DANÇA como MACHO. Assim NÃO!!



ROSA - (PÁRA DE DANÇAR, AS GARGALHADAS) Parece uma mulata dançando vudu.

MÁRIO - (DANÇANDO MUITO BEM) - Não dá bola pra ela, velho ... Olha pra mim ...
Olha pra mim ...

(LAFORGUE OLHA PARA ROSA. TODO SEU CORPO SE MOVE COMO UMA MULHER
HAITIANA. ROSA AUMENTA O VOLUME DA VITROLA).

MÁRIO - Olha, coroa ... Se não olha não pode aprender ... Deixa de olhar pra
velha ...

LAFORGUE - A pessoa com quem devemos entrar em contato na Filadélfia é Bob
Williams (FRENÉTICO) Telephone TWO TREE EIGHT ELEVEN.

ROSA - (A MÁRIO) Pára esse disco que eu vou ficar louca!!

MÁRIO - (NÃO OUVI) Cala a boca, velha. (A LAFORGUE) Vem comigo, velho. Dança,
mulata, dança!!

LAFORGUE - (BEM FEMININO) No caso de não encontrar Bob, telefonar para Peter
na FILL COMPANY ASSOCIATION e falar com o nosso adido cultural ...

ROSA - (A MÁRIO) Faz essa bichona parar!!

MÁRIO - Dança, mulata, dança! (SEGURA O PAI COMO SE FOSSE UMA MULATA) Ele tá
possesso!!
(LAFORGUE SE APROXIMA DA PORTA, FECHA E SEGUE DANÇANDO)

MÁRIO - Mulata gostosa! (O PAI FRENÉTICO MAS SEM RITMO) (À ROSA) Dança, mãe.
Não pára que é pior!

ROSA - Parece um epiléptico!

MÁRIO - (A LAFORGUE) Continua assim, que tá jóia, velho!

ROSA - Primeiro lugar em vudu haitiano.

MÁRIO - (A ROSA) Não se mancou?

ROSA - Não sei, não reparei...

MÁRIO - E se a gente chamasse alguém?

ROSA - Dá um tempo, que ele cai.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MÁRIO - Mas ele continua. Vai nos reventar.

ROSA - Ele tem bom preparo.

MÁRIO - Que idade tem?

ROSA - Quem?

MÁRIO - Esse cara ... O pai.

ROSA - Tá fazendo cinquenta.

MÁRIO - Não pára nunca.

ROSA - São os picres.

MÁRIO - Tá me olhando.

ROSA - O quê?

MÁRIO - Quando passa, me olha pelo canto dos olhos.

ROSA - Finge que nem tá.

MÁRIO - Tô com medo. Vamos parar. Não agüento mais. (PARAM)

LAFORGUE - Continuem dançando ou acabo com vocês. (CONTINUAM. AGORA SÃO OS TRÊS AO RITMO DO VUDU).

MÁRIO - Pai, eu não agüento mais

ROSA - Não dá mais.

LAFORGUE - Sempre se consegue um pouco mais.

ROSA CAI. LAFORGUE A LEVANTA. CONTINUA DANÇANDO. MÁRIO TENTA FUGIR.
A PORTA ESTÁ FECHADA.

LAFORGUE - Continua. Continua! A gente sempre agüenta um pouco mais. A dor é suportável além do possível.

MÁRIO - Tá falando de que, pai?

LAFORGUE AGARRA O FILHO PELO PESCOÇO.



MÁRIO - Me larga, velho. Tá me esgufelando ...

ROSA - Deixa ele. Tá esgufelando ele.

LAFORGUE - Onde tá?

MÁRIO - Tá me sufocando. (ROSA SE BALANÇA. LAFORGUE A EMPURRA COM UM BRAÇO).
Fica quieta, que ele tá me sufocando.

LAFORGUE - Me diz onde tá, que eu te largo.

MÁRIO - Onde está quem?

LAFORGUE - Guilbard!!

MÁRIO - Quem é Guilbard?

LAFORGUE - O ajudante do Barbot.

MÁRIO - Mas do que tás falando!! (DESMATA. LAFORGUE O SEGURRA)

ROSA - O que tá acontecendo, meu Deus? Nós não conhecemos o Barbot. Só do nome.

LAFORGUE - (SEGURA OS DOIS) E o Laser? Também não conhecem o Laser?

ROSA - A gente não entende nada de política.

LAFORGUE - Duvalier pedia ao Barbot trezentos mortos por ano. Barbot me pedia cento e cinquenta. Eu recebia as ordens do Barbot através do Guilbard ou do Laser. E agora quer botar a culpa de todas as mortes nas minhas costas. O Barbot começou a se preocupar com os desaparecidos, quando foi ele que assassinou a maioria. Tá com as mãos sujas e agora quer limpar nas minhas costas. Ele é uma puta velha mas a mim é que ele não vai foder.

MÁRIO - E o que eu tenho a ver com tudo isso, pai? Eu não entendo o que tu tá falando. Não conheço ninguém. Juro! Eu gosto muito de ti, pai.

ROSA - Não tá falando comó Laforgue! Não tá falando como Laforgue. Tá falando como João Carlos Open.

MÁRIO - (CHORANDO) Eu gosto muito de ti, pai. Eu sou teu filho. Não me machuca que eu sou teu filho!



ROSA - (DIRETAMENTE A LAFORGUE) Tu é Laforgue, eu sou Rosa Laforgue. ~~Tem~~ Temos dois filhos, Mário e Mariana. Hoje é o dia do teu aniversário. Nunca entendeste nada de política. Nunca te meteste em política. Não conhece ninguém. Nenhum de nós sabe coisa alguma. A gente acha que o Duvalier é o melhor pro Haiti. Mas a gente não acha nada. Não queremos saber nada. A gente nunca soube de nada. Nós não devemos saber nada.

LAFORGUE - Tão a fim de me enrabar! Só no meu! Querem lavar as mãos na marra porque têm medo do que pode acontecer. Têm medo das represálias. Do que pode acontecer.

CENA DO INSPETOR E LAFORGUE

LAFORGUE SENTADO DE COSTAS. ENTRA O INSPETOR.

INSPETOR - Bom dia, Seu Laforgue.

LAFORGUE - Bom dia.



INSPETOR - Dentro de poucos dias, vamos ter o visto do Consulado.

LAFORGUE - Tô ansiado. Me enche o saco. Quero mais pesos. Quero mais pesos!

INSPETOR - É simplesmente uma questão burocrática, Seu Laforgue. Falta apenas o visto de saída e já vai partir com a família para a Filadélfia.

LAFORGUE - Eu quero mais pesos. Estes pesos aqui são para bebezinho!!

INSPETOR - (TENTA LEVANTAR) (NÃO PODE) Que pesados!

LAFORGUE - (LEVANTA COM UMA MÃO) Pesado pra ti, que é um pigmeu!

INSPETOR - Um sarro essa do pigmeu africano.

LAFORGUE - Eu não disse africano, não conheço pigmeus africanos. Tu é um pigmeu haitiano. Quero mais pesos! Preciso pesos! A única coisa que me deixa numa boa é o peso. (GRITANDO) Eu quero MAIS pesos!

INSPETOR - E como está indo o Inglês?

LAFORGUE - Bem, eu já sei o verbo TO BE e o TO DO.

INSPETOR - Vou deixar aqui mais alguns discos, pra ir acrescentando outros verbos.

LAFORGUE - Pode crer que eu me ajeito com o TO BE e o TO DO. Os americanos são muito burros.

INSPETOR - Talvez, se o senhor me permite, devia ir aprendendo mais dois ou três verbos pra dar as suas aulas de ginástica.

LAFORGUE - Me traz mais pesos! Depois, eu aprendo mais dois verbos.

INSPETOR - (COMO UM BOM MÉDICO) Como se sente, Seu Laforgue, em geral?

LAFORGUE - Eu preciso fazer mais exercício. Preciso de mais pesos (FAZ GINÁSTICA)

INSPETOR - Como foi de aniversário?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

LAFORGUE - Que aniversário?

INSPETOR - Outro dia tava de aniversário e Rosa e Mário vieram lhe ver, né?

LAFORGUE - Quem são esses?

INSPETOR - Rosa e Mário, sua mulher e seu filho, que vieram lhe ver ...

LAFORGUE - Eu quero mais pesos! Eu não posso continuar a ginástica com estes pesos. São pra crianças de dez anos.

INSPETOR - O Mário lhe trouxe um disco do Pink Floyd. Gostou?

LAFORGUE - Como dança bem esse garoto.

INSPETOR - Seu filho, o Mário, dança muito bem.

LAFORGUE - É seu filho? Meus parabéns. É um belo garoto.

INSPETOR - Não, é seu filho. O filho de Laforgue e Rosa Laforgue é Mário. E tem outra filha, Mariana Laforgue. (O INSPETOR FALA DEVAGAR)

LAFORGUE - Por que tá falando tão devagar. Tá me achando com cara de imbecil? Eu quero mais pesos!



INSPETOR - A Rosa me disse que vocês discutiram um pouco no final. O que houve?

LAFORGUE - Tavam me gozando...

INSPETOR - Estavam lhe gozando?

LAFORGUE - O garoto e a coroa tavam tirando sarro porque eu não sei dançar ...

INSPETOR - Tem certeza?

LAFORGUE - Se eu digo que tavam tirando sarro é porque tavam tirando sarro.

INSPETOR - Por que o senhor não sabe dançar?

LAFORGUE - O garoto dizia que eu rebolo demais, que eu mexo as cadeiras como uma cabrocha. É por isso que eu quero mais pesos. É pra fortalecer os meus quadris.

INSPETOR - Quer dizer que o seu filho Márcio lhe ofendeu? E o senhor se irritou? Então, teve razões pra se irritar...

LAFORGUE - (DANÇA) O senhor acha que eu rebolo como uma cabrocha?

INSPETOR - Não, o que acontece é que o senhor tem muita expressão corporal para a ginástica ... E então suas cadeiras têm mais mobilidade que as nossas ... E isso surpreende ...

LAFORGUE - E o senhor, como é que dança?

INSPETOR - Mais ou menos. Não é grande coisa.

LAFORGUE - Dance. Quero ver o senhor dançar.

INSPETOR - (COM ENERGIA) Eu não vim aqui pra dançar, seu Laforgue. (EM POSIÇÃO MILITAR)

LAFORGUE - Se não dançar, eu amasso a tua cabeça com um peso destes. (LEVANTA UM PESO, AMEAÇANDO)

(O INSPETOR DANÇA)

LAFORGUE - Tudo bem, chega. É suficiente. Teve medo de ser atacado?



INSPECTOR - O quê?

LAFORGUE - Pensou que se não dançasse eu ia atacar?

INSPECTOR - É, eu tive medo.

LAFORGUE - (TIRSTE) Eu sou incapaz de matar alguém. Sou muito sensível. Jamais poria a mão no senhor. Eu sinto um grande afeto pelo senhor. O senhor tem sido muito bom comigo e com toda a minha família. Como eu poderia lhe atacar? (ABRAÇA O INSPECTOR). Eu sou incapaz de matar alguém. Todos são muito bons comigo. Todos! Me dão vitaminas todos os dias. Se preocupam com a minha bolsa de estudos!

INSPECTOR - (INCOMODADO PELO CONTATO FÍSICO) Seu Laforgue ... Não fique assim ... Agora vou sair ... Lhe trago mais pesos ... Se é isso que o senhor quer ... (VAI SE DIRIGINDO À PORTA)

LAFORGUE - Não vá embora, por favor. Tenho medo de ficar sozinho ... Tenho pesadelos ... Não quero dormir sozinho ... Fique aqui pra dormir comigo ...

INSPECTOR - (ASSUSTADO) Não posso. Não avisei a minha mulher e ela pode ficar preocupada ... Agora eu vou e lhe trago os pesos. Todos os pesos que quiser ... grandes ... pequenos ... médios ...

LAFORGUE - (SE ACONCHEGA) Eu quero dormir nos seus braços. Eu tenho medo de sonhar. Eu não quero mais sonhar! Tenho medo!

INSPECTOR - (PROTETOR) Tem pesadelos (O ABRAÇA FERMAMENTE) Isso é muito comum quando alguém está por se afastar do país.

LAFORGUE - São sempre os mesmos pesadelos. Não posso dormir. Tenho medo.

INSPECTOR - Ora, ora, não vai poder dormir. (O ABRAÇA) Chegue bem pertinho. Boi, boi, boi da cara preta, pega esse menino que tem medo de carata. Todas as noites sou eu que faço meu gurizinho dormir. Sou infalível. Nino ele e é tiro e queda. Boi, boi, (SEGUE CANTANDO. VAI FAZENDO LAFORGUE DORMIR E SE REPIRA NA FONDA DOS PÉS) (QUANDO CHEGA À PORTA, LAFORGUE GRITA, E SENTA NA CAMA DESESPERADO)

INSPECTOR - (DA PORTA) O que aconteceu?

LAFORGUE - O sonho, outra vez o sonho de todas as noites.



49
INSPECTOR - Que sonho?

LAFORGUE - (SENTADO NA CAMA, OLHANDO PRA FRENTE) Sonho que a gente, eu, Rosa e as crianças, tá no avião indo pra Filadélfia. Vão nos servir comida. (SE SENTE MAL. CHORA)

INSPECTOR - E daí, Seu Laforgue, o que acontece?

LAFORGUE - Daí, de repente, a porta do avião se abre e todos nós começamos a cair no vazio pela porta. Todos! Rosa, Mário, Mariana. Vejo o Mário, que se agarra na minha poltrona. Eu tento segurar ele com as minhas mãos. Mas me escapa e cai no vazio. Depois Mariana e Rosa, eu ... Todos nós caímos. É terrível! Todos nós caímos ...

INSPECTOR - Onde caem?

LAFORGUE - No mar. Dois mil metros de altura! Todas as noites sonho a mesma coisa. Não aguento mais!! Eu não quero sonhar mais! (PAUSA)

INSPECTOR - Então, nós temos que lhe dar mais vitaminas (SAI, DEPOIS DE DEIXAR UM VIDRO DE COMPRIMIDOS NA MESINHA)

LAFORGUE FICA SÓ, OLHANDO PRA FRENTE, PERPLEXO. PÕE TRÊS COMPRIMIDOS NA BOCA ... SE RECUPERA. PEGA OS PESCO, COMEÇA A FAZER TORSÕES MUSCULARES.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 2263262 - CEP 90020-025

CENA DA DESPEDIDA

LAFORGUE ESTÁ VESTIDO DE TERNO, COM UMA VALISE, SENTADO NA CAMA. PARECE SONOLENTO. ENTRAM O INSPETOR, ROSA E MÁRIO. O INSPETOR VAI ATÉ LAFORGUE COM MÁRIO. ROSA FICA NA PORTA, COM SUA VALISE.

INSPETOR - Chegou o dia, Seu Laforgue. (LAFORGUE PARECE DROGADO)

MÁRIO - Vamos pra Filadélfia, velho! (O BEIJA) Vão levar a gente de táxi até o aeroporto! (LAFORGUE NÃO RESPONDE. OLHA SEM ENTENDER)

ROSA - (DA PORTA) Vamos andando, nêgo. A gente veio te buscar! Rápido! Mariana tá lá fora nos esperando!

MÁRIO - Levanta, coroa. Olha que vamos perder o avião! (AO INSPETOR)
O que deu nele?

INSPETOR - (OLHANDO O VIDRO VAZIO) Tomou todas as vitaminas! Nunca mais vai ter pesadelos na vida. Me ajuda garoto, vamos botar ele em pé. (LEVANTAM LAFORGUE, QUE CAMINHA RIGIDAMENTE QUANDO É EMPURRADO) (LAFORGUE VAI A PASSOS CURTOS DE UM LADO A OUTRO DO QUARTO. OS OUTROS VÃO ATRÁS COMO NOS FILMES CÔMICOS)

ROSA - E agora, o que houve com ele? Parece um velho gagá.

INSPETOR - Segurem ele! Segurem!

(DEPOIS DE DAR DUAS OU TRÊS VOLTINHAS COM PASSOS CURTOS PELO QUARTO, LAFORGUE VAI CONTRA UMA PORTA. OUVI-SE UM BARULHO)

INSPETOR - Eu disse pra agarrarem ele! (SAI PELA PORTA E VOLTA COM LAFORGUE, QUE REAPARECE DESPENTEADO, DESARRUMADO)



MÁRIO - Ele vai caminhar sempre assim! É muito incômodo!

ROSA - Vamos ter que andar com ele assim pelas ruas! Que vergonha!

INSPETOR - Ele está um pouco rígido por causa do tratamento. Mas aos poucos ele vai se recuperar. (ROSA E MÁRIO PENTEIAM LAFORGUE E ARRUMAM A ROUPA DELE)

LAFORGUE ESTÁ NO MEIO DO QUARTO, PARADO. MÁRIO SEGURA ELE DE NOVO, POIS TENTA CAMINHAR COM OS PASSINHOS CURTOS.

INSPETOR - Fiquem perto dele. Segurem ele pelo braço. Não soltem por alguns dias, até que recupere o equilíbrio. Cuidado com as ladeiras da Filadélfia:

(MÁRIO E ROSA SEGURAM LAFORGUE. A FAMÍLIA FICA COMO SE POSASSE PARA UMA FOTO)

INSPETOR - Aqui estão os vistos e os passaportes. É melhor que tu leve isso, Mário. (MÁRIO, AO PEGAR OS DOCUMENTOS, SOLTA O BRAÇO DO PAI, QUE COMEÇA OUTRA VEZ A CAMINHAR PELO QUARTO COM PASSOS CURTOS. TODOS CORREM PARA AGARRÁ-LO)
Eu disse que não é pra soltar! Agarrem ele bem!

ROSA - É um inferno. ~~Eu~~ Eu não saio na rua com este robô!

INSPETORX- Tás querendo que eu te mande de volta pra fábrica, pra empacotar biscoitinhos de novo? Não soltem mais ele! Até sentarem ele no avião!

LAFORGUE - (AGITANDO-SE) No avião não! Eu não quero ir pra avião!!

INSPETOR - Rápido, vão saindo que o táxi tá esperando vocês. Rápido!
(SAEM OS TRÊS. LAFORGUE CONTINUA GRITANDO: "NO AVIÃO NÃO! NO AVIÃO NÃO!")

O INSPETOR FICA SÓ. SENTA NA CAMA. LIGA O RÁDIO. VOZ DE DUVALIER:



"Os que desejam me destruir, querem destruir a mãe pátria. Sou e represento um movimento histórico do vosso destino. Eu aceitei de Deus o poder e por Deus tenho a intenção de conservá-lo sempre, até organizar o país. Enquanto Presidente, não tenho inimigos nem posso ter. Um inimigo meu é um inimigo da Nação e à Nação cabe julgá-lo".

(VOZ FEMININA) - E o senhor, o que pensa de Papa Doc?

(VOZ DE CAMPONÊS) - É um grande homem. Nos ensinou a viver sem dinheiro e a comer sem comida. Isso não é tudo. Duvalier nos ensinou a viver sem vida.

FINAL



OUVE-SE UM RUÍDO DE MAR, QUE VAI NUM CRESCENDO

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

INSPETOR - Que barulho infernal é esse?

CALVET - (ENTRANDO SOBRESSALTADO) É um temporal. As ondas vêm do oeste!

INSPETOR - Do oeste! Era o que nos faltava.

CALVET - As ondas arrastam tudo. Estão aparecendo mais ... Os que não estavam também!

INSPETORX- Como todos? E os pesos? Não eram pesos americanos?

CALVET - Acontece que as ondas são muito fortes e arrastam tudo! Barcos, peixes, tudo. São ondas gigantes ... A praia tá cheia ... Se encheu de gente ... que procuram os familiares ... Não sabia que eram tantos ... São milhares e milhares ... As ondas continuam arrastando e o povo grita pelas ruas ... (BARULHO DE ONDA. VENTO)

INSPETOR - E o Papa Doc?

CALVET - Foi passar o fim de semana na Ilha Tortuga ... com toda a família.

INSPETOR - E o Barbot?

CALVET - Se enforcou.

INSPETOR - Covarde! Só pra imitar o Mussolini!!

CALVET - (SAI E ENTRA) São milhares. Tomaram conta da praça principal. Cada onda arrasta centenas ... Como é possível que fossem tantos! Éramos muitos! Cada vez aparecem mais! (SAI)

INSPETOR - Eu dizia pra eles que queimar era melhor. Não havia como deixar rastro. Foi um tremendo erro!

CALVET - (ENTRA) (RUIDO DE ONDAS) As ondas são cada vez maiores! Que beleza! Olha os cadáveres nas cristas!! (SAI E ENTRA) Que belo espetáculo! Que colorido maravilhoso!

INSPETOR - Não trouxe meus óculos pra ver de longe (SE OUVES UM RUIDO DE ONDA) Quantos a onda trouxe agora?

CALVET - Devem ser uns dez ou doze. (SAI E ENTRA) Ninguém chega perto deles ... Não devem ~~ter~~ ter parentes!!

INSPETOR - E o que faz a multidão?

CALVET - Cavam fossas ...

INSPETOR - (ASSUSTADO) Fossas? Pra que?

CALVET - Enterram ...

INSPETOR - A quem?

CALVET - Aos mortos. Dão a eles a santa sepultura. (SE OUVEM GRITOS HUMANOS) (SAI)

INSPETOR - (SOBRESSALTADO) E esses lamentos ... são horríveis ... Por que gritam desse jeito?

CALVET - (ENTRA) Rezam, choram quando enterram nas fossas, fazem danças vuúu ... dançam juntos ... parecem felizes ... choram e riem! Que gente mais estranha!! Mas parecem contentes ...

INSPETOR - Contentes, a troco de quê?

CALVET - Porque encontraram ...

INSPETOR - (RUIDO INTENSO) E agora, o que aconteceu?

CALVET - (ENTRA E SAI) Procuram abrigo nas casas...

INSPETOR - Pra quê?



CALVET - Vem outra onda pela rua principal ... Eles se escondem no saguão nos prédios (RUIDO DE ONDA) (PAUSA)

INSPETOR - Quantos trouxe agora?

CALVET - (SAI E ENTRA) Cinco ... Uma velha tá se balançando sobre um deles. Tá de roupa preta. Deve ser a mãe. Outras mães vem pra junto deles.

INSPETOR - Apareceram todos duma só vez. Agora vão deixar de foder a paciência de uma vez por todas!

CALVET - (SAI E ENTRA) O francês!

INSPETOR - Que francês?

CALVET - O francês que estava comigo na avioneta. Tá sem os braços!

INSPETOR - Que nojo!

CALVET - (SAI E ENTRA) O pessoal se aglomerou.

INSPETOR - Onde?

CALVET - Parece que ao redor de um. Não tô vendo direito.

INSPETOR - Vai mais perto. Investiga. Te informa.

CALVET - Não consigo ver ... Levantaram o corpo!! (SAI)

INSPETOR - Quem é?

CALVET - (ENTRA) Barbot. É o doutor Barbot!!

INSPETOR - (VAI ATÉ UM CANTO) O que tão fazendo?

CALVET - Vão enterrar junto com os outros.

INSPETOR - Não merece. É um assassino! Não merece!

CALVET - (ENTRA E SAI. RUIDO DE ONDAS) O Seu Laforgue! O Seu Laforgue tá no meio da multidão!

INSPETOR - Mas a gente não tinha mandado ele pra Filadélfia???

CALVET - Com esse temporal não há avião que saia.

INSPETOR - E o que o Laforgue tá fazendo ali?

CALVET - Parece indignado. Pede vingança. Represálias.

INSPETOR - Contra quem?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 91020-025



CALVET ← (SAI E ENTRA) Diz que é preciso encontrar os culpados, que se faça justiça ...

INSPETOR - O Laforgue disse que é preciso encontrar os culpados? Isso é o cúmulo! E o povo? O que faz? O que dizem?

CALVET - Alguns cantam e dançam vudu ... Outros parecem escutar ...

INSPETOR - A quem?

CALVET - Laforgue.

INSPETOR - Quantos?

CALVET - Dois mulatos.

INSPETOR - Manda prender eles!

CALVET - São dois garotões... Parecem inofensivos ...

INSPETOR - São os piores ... Começam sempre assim ... Em pequenos grupos ... (PAUSA) É uma ordem! Vá deter eles!

CALVET - Mas quem vai deter eles, se o doutor Barbot se enforcou?

INSPETOR - Vai tu mesmo. É uma ordem!

CALVET - Com esta pinta ... vão se assustar ...

INSPETOR - E os Tontons Macoutes? Onde estão?

CALVET - (SAI E ENTRA) Não vejo nenhum em parte alguma. Hoje era a final de beisebol. Devem estar lá.

INSPETOR - Sempre acontece a mesma coisa nestes casos. E o predicador? O que tá dizendo agora?

CALVET - Que predicador?

INSPETOR - O Laforgue!!

CALVET - Agora há mais gente ouvindo ele. Se formou um bolo ao redor dele. (SAI E ENTRA) Uma onda gigante. É enorme! Vai nos alcançar! (OS DOIS SE ESCONDEM DEBAIXO DA CAMA E DO ARMÁRIO) (OUVE-SE O RUÍDO DE UMA GRANDE ONDA. A CASA ESTREMECE. BAPULHO)

GRANDE SILÊNCIO ... OS DOIS CONTINUAM ESCONDIDOS. OUVE-SE RUÍDO DE CORPOS QUE SE ARRASTAM. POR UM EXTREMO APARECEM OS PÉS DE UM CADÁVER. CALVET E O INSPETOR SE OLHAM. OS PÉS DE OUTRO CADÁVER APARECEM NUM OUTRO EXTREMO. CALVET E O INSPETOR OLHAM. POR TODOS OS LADOS COMEÇAM A APARECER PÉS DE CADÁVERES. CALVET E O INSPETOR ESTÃO ATERRORIZADOS. REZAM O PAI-NOSSO DE DUVALIER, ENQUANTO ENTRAM MAIS CADÁVERES POR TODOS OS LADOS.



(DEVEM DESCER CADÁVERES DA PARTE SUPERIOR DO CENÁRIO)

CALVET E O
INSPETOR:

- "PAPA DOC que estais no palácio para toda a vida. Bendito seja o vosso nome pelas gerações presentes e futuras. Seja feita a vossa vontade na Capital e nas Províncias. Um país novo nos dá hoje. E não perdoai nunca as ofensas dos inimigos da pátria que escarram no rosto de nosso país. Deixai que eles sucumbam à tentação e, sob o peso do seu veneno, não os livrai do mal. Amém".

UMA VOZ EM OFF: - Catecismo da Revolução de Duvalier. Porto Príncipe. Haiti. 1962.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SILÊNCIO TOTAL. LUZ SOBRE OS CADÁVERES. A LUZ DEVE
PERCORRER OS PÉS DOS CADÁVERES E ILUMINAR OS DE CIMA.

